



LABAREDA

ÓRGÃO DO COMITÊ ANTI-IMPERIALISTA GENERAL ABREU E LIMA – CAL

A LUTA, INCENDEIA!

COMITÊ
ANTI-IMPERIALISTA
GENERAL
ABREU E
LIMA



EDIÇÃO Nº 01 (UM), MAIO DE 2021. BRASÍLIA – DF – BRASIL

XXV CONVENÇÃO NACIONAL DE SOLIDARIEDADE A CUBA

03 A 06 DE JUNHO DE 2021
JOÃO PESSOA – PB

EVENTO
ONLINE



Viva Cuba Solidária e Socialista!
Todos juntos em defesa da vida!



A VACINA E A GANÂNCIA
CAPITALISTA

DONBASS (LESTE EUROPEU):

CONFLITO REGIONAL, SEPARATISMO OU CONFRONTO
ENTRE DOIS PROJETOS HISTÓRICOS ANTAGÔNICOS?

MARIGHELLA, PRESENTE!

EDITORIAL

O mundo do trabalho sofre duros ataques em tempo de pandemia. Nunca foi diferente, a burguesia, com seus agentes, sempre foi cruel nas ofensivas a classe trabalhadora e aos povos que ousam ser livres, soberanos e não se acovardam.

A segunda edição, Labareda, apresenta artigos sobre a importância do 8º Congresso do Partido Comunista de Cuba – PCC, em que pese a continuidade do criminoso bloqueio econômico à Ilha, mostra ao mundo a grandiosidade do socialismo, que se sustenta na unidade e organização de seu povo, superando todas as dificuldades e marchando, bravamente, como tem sido a marca dos herdeiros de Martí e Fidel, rumo a sua plena dignidade. Labareda traz o discurso feito no encerramento do congresso pelo presidente Miguel Díaz – Canel, uma leitura fundamental para compreender o atual momento em Cuba; traz a análise da professora Maria Auxiliadora César, residente na Ilha, que mostra como o governo e povo cubano têm enfrentado o bloqueio econômico e, ainda, um texto sobre o ecumenismo em Cuba, elaborado pelo Escritório de Cultura da Embaixada de Cuba, no Brasil.

No momento em que se marca 72 anos da ocupação da Palestina e, mais uma vez, Israel despeja bombas sobre Gaza, Sayid Marcos Tenório apresenta um artigo sobre os crimes praticados pelo sionismo e o imperialismo contra a soberania deste heróico povo, que bravamente enfrenta os covardes ataques de Israel e as constantes mentiras divulgadas pelos inimigos da soberania Palestina.

Ana Carolina e João Alvim trazem um artigo sobre a necessidade de se fortalecer a unidade anti-imperialista e na construção do socialismo na Venezuela. Luiz Falcão apresenta um detalhamento sobre os crimes do capital na produção e comercialização, pelos laboratórios, das vacinas para enfrentar a pandemia. Alfredo Alencar apresenta informações sobre a eleição no Peru e a importância da chegada de Pedro Castillo ao segundo turno da eleição presidencial, enfrentando a candidata da ultradireita.

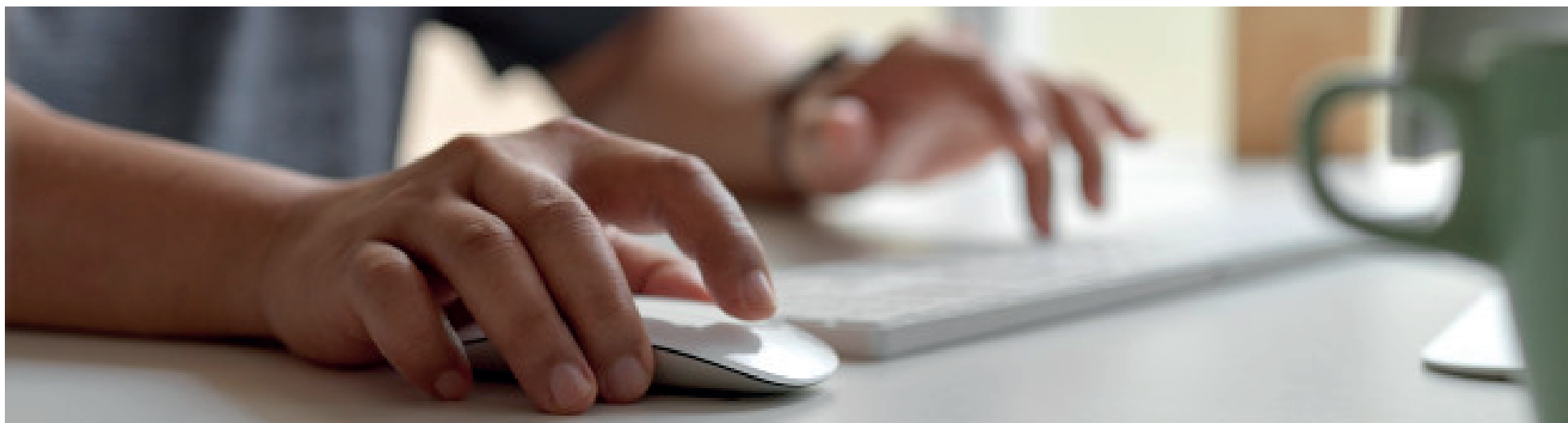
A pandemia da Covid-19 já fez mais de 3,3 milhões vítimas fatais no mundo, enquanto o Brasil, com mais de 430 mil mortos, aumenta em descompasso com os demais países, que tem conseguido reduzir as mortes. Mesmo com a pandemia, o povo colombiano mostra aos países latinos e demais povos a disposição de luta, em sua greve nacional que cresce a cada dia. O Comitê organizou um ato em frente a embaixada da Colômbia, que contou com a presença de partidos, sindicatos, movimentos e da comunidade colombiana residente em Brasília, quando foi entregue a nota constante desta edição.

O Labareda traz o texto Teses de abril, de Lênin, que mantem sua importância e atualidade, especialmente no momento atual. O debate sobre os rumos para derrotar o imperialismo e o governo de traição nacional do Brasil, precisa levar em conta a experiência da Rússia pré-revolucionária, diante da necessidade da formação política, organização e unidade das forças de esquerda e revolucionárias, o que aumenta a importância do estudo e leitura dos textos do grande comandante bolchevique.

Marcos Fabrício traz um ensaio sobre a contemporaneidade do pensamento de Carlos Marighella, diante do ressurgimento do fascismo, neste momento da pandemia. Nesta edição iniciamos a seção Cartas, com o texto de José Lima da S. Filho.

Labareda vem para acender o debate, forjar caminhos que mostrem a real força que o proletariado possui na luta contra o imperialismo, como nos ensinam os povos venezuelanos, cubanos, nicaraguenses, iranianos, vietnamitas e os irmãos e irmãs latinos caribenhos, que, mesmo com a pandemia, não se esmorecem de lutar por sua dignidade e soberania como nos mostraram os colombianos, haitianos, chilenos e bolivianos.

Sempre é tempo de combate.



SUMÁRIO

04 FRENTE AO HISTÓRICO E PERVERSO BLOQUEIO DOS ESTADOS UNIDOS
CONTRA CUBA: PLANO CONTRA PLANO!

08 DISCURSO DO PRESIDENTE DE CUBA,
MIGUEL DÍAZ-CANEL

24 CUBA: UMA ILHA ECUMÊNICA

27 JERUSALÉM, CAPITAL ECUMÊNICA
DA PALESTINA

32 MARIGHELLA, PRESENTE!

36 PCV E PSUV EM DISPUTA PELOS RUMOS DA
REVOLUÇÃO, GOLPEANDO JUNTOS OS ATA-
QUES DO IMPERIALISMO

39 SOLIDARIEDADE AOS MANIFESTANTES COLOMBIA-
NOS E NÃO À VIOLAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS

40 A VACINA E A GANÂNCIA CAPITALISTA

47 ELEIÇÕES NO PERU: UMA VITÓRIA PARA O POVO

48 SOBRE AS TAREFAS DO PROLETARIADO NA PRESENTE
REVOLUÇÃO

53 DONBASS (LESTE EUROPEU):
CONFLITO REGIONAL, SEPARATISMO OU CONFRONTO
ENTRE DOIS PROJETOS HISTÓRICOS ANTAGÔNICOS?

56 VENCER A BATALHA DAS IDEIAS, RUMO AO CON-
GRESSO BICENTENÁRIO DOS POVOS

58 CARTAS



EXPEDIENTE

LABAREDA – órgão do Comitê Anti-imperialista general Abreu e Lima

Edição nº 01 (um), maio de 2021 - Brasília – DF – Brasil.

Editor: Pedro César Batista (Jornalista DRT/DF – 02483)

Criação e arte: Alex Castro

Conselho Editorial: Alex Castro, Ana Carolina Gomes, Alfredo Alencastro (Reg Prof.: 8.671/2010/MTb/ DRT/DF), Brenno Lima (DF), João Alvim, João Guilherme, Pedro César Batista.

Colaboradores: Ana Carolina Gomes (DF), Afonso Magalhães (DF), Aurélio Fernandes (RJ), Alfredo Alencastro (DF), Brenno Lima (DF), Escritório de Cultura da Embaixada de Cuba no Brasil, João Alvim (DF), José Lima da Silva Filho (MT), Maria Auxiliadora César (Cuba), Marcos Fabrício Lopes da Silva (DF), Pedro César Batista (DF), Ismar Lemes – poeta (DF), Fábio Simeon (Cuba), Nilo Sangama (DF), Sayid Marcos Tenório (DF).

FRENTE AO HISTÓRICO E PERVERSO BLOQUEIO DOS ESTADOS UNIDOS CONTRA CUBA: PLANO CONTRA PLANO!

*Maria Auxiliadora César**

Este texto traz uma reflexão sobre ideias, concepções e fatos que fornecem argumentos para dar uma resposta a uma instigante questão: Como Cuba reafirma há 62 anos o caráter socialista de sua Revolução, diante do bloqueio econômico, comercial e financeiro mais longo da história da humanidade?

** Assistente Social e Socióloga, Professora Emérita da Universidade de Brasília, fundadora do Núcleo de Estudos Cubanos/Ceam/UnB. Residente em Havana/Cuba.*

Assim, ressaltamos, ainda que de maneira sucinta, algumas das muitas ações concretizadas em Cuba durante estes anos de perverso bloqueio, se bem que as ingerências a Cuba iniciaram com o período das Guerras da Independência, passando pela Emenda Platt à Constituição da época, quando se declarou a pseudo independência de Cuba em 1902, o que já demonstrava a intenção e a prática de agressão do imperialismo norte americano, rumo a seu projeto expansionista.

E como a resistência se concretiza?

O inimigo, segundo Martí, quer dispersar, dividir, sufocar e em contrapartida se deve educar, formar politicamente, esclarecer, juntar, unir, preceitos reafirmados em muitas ocasiões por Fidel Castro, o líder histórico da Revolução Cubana, e na atualidade, pelo presidente da República de Cuba, Miguel Díaz-Canel Bermúdez, que expressou em recente discurso: “Insistem em matar-nos, mas nós insistimos em viver e vencer” .



Imersa nas situações provocadas pelo bloqueio e pela pandemia da Covid-19, Cuba nos ensina como enfrentar as duas situações e o país vive transformações políticas e sociais, com o objetivo sempre presente de superar dificuldades e afrontar desafios. Apontamos algumas das resistências atuais que avançam em meio a tantas adversidades :

1. Reordenamento Monetário – tem caráter interdisciplinar e transversal, inclui unificação monetária e cambial, eliminação de subsídios e gratuidades indevidas e transformação dos salários, que aumentaram substancialmente, apesar de que os preços também. É passo para avançar na estratégia econômica e social, e elevar a produtividade do trabalho. Foi eliminada a dualidade monetária.

² *Artigo “Adelante, juntos”, de José Martí, publicado no jornal Patria em 11 de julho de 1892, conclamando a preparação para a luta por uma Pátria livre, com a unidade necessária.*

³ *A Emenda Platt limitou o direito de Cuba de fazer tratados com outras nações e colocou restrições a Cuba na condução da política externa e nas relações comerciais e garantiu que os Estados Unidos pudessem intervir política e militarmente na Ilha sempre que se sentisse ameaçado.*

⁴ *Discurso pronunciado no encerramento do VI Período Ordinário de Sessões da Assembleia Nacional do Poder Popular em 17 de dezembro de 2020.*

Recomendamos visitar o site Cuba Debate para ver detalhes sobre esses pontos apenas referidos no texto.

2. Medidas de preservação e proteção da força de trabalho, uma vez que há trabalhos on line, além de oferta de transporte para os trabalhadores da área de saúde, quando há necessidade de medidas mais restritivas de transporte público. Suspensão de pagamentos dos impostos relativos aos serviços para os trabalhadores por conta própria, cujas atividades se relacionam mais estritamente ao turismo, como hospedagem, restaurantes, bares em bairros turísticos, afetados pela grande redução de voos. E, quando o país retorne à chamada “nova normalidade” estarão isentos de pagamento de nova inscrição nesta modalidade.

3. Agricultura – sessenta e três (63) medidas para incrementar a produção de alimentos no país e satisfazer demandas, aprovadas pelo governo, produtores, experts e diretores do setor agrícola.

4. Ciência – o exemplo do combate à Covid-19 é percebido em todos os campos da vida em Cuba e nos dias atuais, especialmente na área da saúde,

que apresenta avanços consideráveis e estatísticas comparáveis aos países mais desenvolvidos economicamente. Tais avanços não seriam possíveis sem o desenvolvimento da ciência e tecnologia que vem desafiando o bloqueio dos Estados Unidos. Exemplo disso é a criação do Polo Científico, ideia de Fidel na década de 1980, para desenvolvimento da biotecnologia, das indústrias farmacêutica e médica avançada, para resolver problemas de saúde, alimentação, formar de recursos humanos, infraestrutura e aportar divisas para o país. Na década de 1990, em pleno Período Especial é ampliado o Polo Científico é ampliado, com a criação de polos temáticos, como o industrial, o de Humanidades, os científicos territoriais, também em algumas outras províncias. Há então um incremento da produção de equipamentos médicos, dispositivos de alta tecnologia e da produção farmacêutica nacional. A maioria dos medicamentos utilizados para a Covid-19 são de produção nacional e de 4 laboratórios de biologia molecular no início da pandemia, em 11 de março de 2020, hoje são 25.

⁶ *Fidel, chamado Soldado das Ideias, disse no início do período revolucionário que Cuba seria um país de homens de ciências.*

⁷ *Lembremos que este é o chamado Período Especial em tempos de Paz, quando ocorre a derubada do campo socialista e com ela desaparece o CAME (Conselho Ajuda Mútua Econômica) e há um recrudescimento do bloqueio. Nenhum hospital foi fechado, assim como também nenhuma escola e não foi adotada “política de choque” que penalizasse a população e restringisse a oferta de serviços sociais.*

5. Educação – Como a internet não poderia ser usada porque é lenta (outra faceta do bloqueio), Cuba conta com um recurso que alcança a todos os estudantes, que são as aulas pelos dois canais educativos. Os esforços são grandes nesta área, pois há materiais gastáveis, como papéis, lápis comum e de cores, canetas, cujas entregas são limitadas ao país por causa do bloqueio e muitas vezes a China os oferece a preços mais baixos, mas o pagamento do frete é alto, pela distância e tempo de transporte (EUA está a 140 km de Cuba). Os livros passam de mão em mão, segundo avançam nas etapas do ensino, e os estudantes da educação primária, que recebiam um módulo per capita com materiais indispensáveis, agora se entrega um para cada dois alunos, que trabalham em cooperação.

6. Cultura – Há um rearranjo nestes momentos com muitas atividades pela televisão, como

música, dança, exposições, festejos das datas históricas, entre outros. Cuba é um país rico em manifestações culturais e o tema da Covid-19 é tratado em muitos eventos e especialmente nas músicas de cantores e orquestras, inclusive do grupo de crianças, a Colmenita, os quais incentivam o uso de máscaras, a prevenção e proteção, com mensagens positivas para o enfrentamento e término da pandemia, com o otimismo e a alegria de sempre de um povo que confia no seu sistema de saúde.

Todas as medidas tomadas são divulgadas pelos meios de comunicação e nos programas de televisão comparecem ministros, altos funcionários de ministérios, governadores das províncias, professores universitários, diretores de instituições e de organizações de massa, para informar, discutir, esclarecer e responder a perguntas enviadas pela população, especialmente no programa Mesa Redonda, diariamente, às 19h.

Este é um período desafiador para os países do mundo e Cuba enfrenta-o com as armas da resistência que internalizou e que só pode ser usada quando se tem um projeto revolucionário, com a organização e participação do povo e com a unidade entre as diferentes forças da sociedade - governo, organizações de massa -, e ainda com o reconhecimento do papel imprescindível da ciência em todos os campos da vida cubana.

Para compreender melhor a colossal resistência do governo e do povo cubano, citamos algumas das muitas agressões que compõem o bloqueio: no orçamento federal dos Estados Unidos se mantém os multimilionários fundos destinados às ilegais transmissões de rádios e televisões contra Cuba para produzir “mudanças no regime cubano”, favoráveis aos interes-

ses geopolíticos e geoeconômicos, e aos “valores” dos Estados Unidos: a democracia liberal de livre mercado e suas distorcidas noções sobre os direitos humanos e “a liberdade” de imprensa (especialmente as das mal chamadas Radio e TV Martí); todas as leis que impedem o normal desenvolvimento das relações econômicas, comerciais e financeiras entre ambos os países, proibindo

o uso de dólares dos Estados Unidos nas transações cubanas e que impõem multas excessivas a instituições bancárias, assim como a empresas; as leis e seus correlatos, como a ilegal permanência da Base Naval dos Estados Unidos na Baía de Guantánamo, como instrumento de pressão com a intenção de obter concessões unilaterais.



O ano de 2020 contabilizou prejuízos incontáveis, superando em um ano a 5 bilhões de dólares, segundo relatório anual que atualiza a magnitude dos danos da política extraterritorial do governo dos Estados Unidos. Violam todo tipo de normas do comércio exterior e dos investimentos. O ex presidente Trump, em um ano, editou 90 medidas restritivas, em flagrante violação da soberania do país.

Há outro lado do bloqueio, que guarda um caráter relacional com os de corte estrutural e/ou conjuntural e que, podemos dizer, se expressa na sua face doméstica, no cotidiano vivido por cubanas e cubanos e nas atitudes frente à vida. Nesse sentido, o bloqueio é um grande catalisador dos problemas cotidianos. Vivendo aqui podemos entender como isso se dá no dia a dia e entender quando dirigentes dizem que em Cuba “se dá o que se tem e não o que sobra”: os exemplos são diários e frequentes, nas ruas, nas casas, nas conversas, é o doar um sabonete quando se tem dois, e há inúmeros exemplos desse tipo, que revela um exercício constante de valores de solidariedade e humanismo, inscritos na vida cotidiana e que pode ser explicado pelo capital humano que forjou a Revolução.

E ainda é necessário citar a guerra psicológica, através de notícias falsas através das redes digitais, que minimizam o impacto do bloqueio, e de campanhas subversivas financiadas pelo chamado inimigo do Norte, e que representam um ataque à unidade nacional.

E em meio a essa verdadeira guerra estrutural e psicológica, Cuba comemora hoje com salvas de canhão o dia da declaração do caráter socialista da Revolução, há 60 anos, às vésperas da invasão de Playa Girón.

Neste texto deve ser necessariamente lembrada a participação da juventude na construção do socialismo cubano, nas lutas estudantis pré-revolucionárias, como a da Associação de Jovens Rebeldes (1959), na Campanha da Alfabetização de 1961, nas suas organizações estudantis, desde os Pioneiros até a União da Juventude Comunista e agora na luta contra a Covid-19: como cientistas, na área da saúde, na educação, na produção de alimentos e entrega de medicamentos e alimentos, na pesquisa nas casas e online, para citar algumas atividades.

Falando de Covid-19, hoje (16/4) Cuba apresenta a triste cifra de 500 pessoas falecidas desde o início da pandemia da Covid-19, no dia 11 de março de 2020, lamentados por todos e todas, desde o Presidente da República, coordenador do Grupo Temporário de Trabalho que avalia e toma novas medidas a cada dia, composto por ministros, diretores de institutos de pesquisa, professores universitários destacados em diferentes áreas, prevalecendo o trabalho interdisciplinar e intersetorial.

E Cuba, com toda a soberania científica da qual falamos anteriormente, controla a pandemia com o seu Sistema de saúde universal, público e gratuito e vai além, com cinco (5) candidatos vacinais, dois deles – Soberana 02 e Abdala, na última etapa da fase 3 de ensaios clínicos; Soberana 01, terminando a fase 1; Mambisa, com aplicação nasal, para pacientes convalescentes e como dose de reforço; e Soberana Plus, terceira dose de reforço para quem tomou as duas primeiras doses. Há previsão de início da vacinação a toda a população cubana para os próximos meses, depois de cumpridos todos os trâmites necessários.

⁸ As informações diárias, com precisão e transparência, são apresentadas pela TV às 9:00h pelo Diretor Nacional de Epidemiologia do Ministério de Saúde Pública de Cuba (Minsap), Dr. Francisco Durán García, que analisa dados e esclarece aspectos da pandemia. Vide no site do Minsap todas as informações.

⁹ Os nomes dos candidatos vacinais cubanos têm referência, na Soberania nacional e científica (as Soberanas); Mambisa, lembrando os mambises, que lutaram nas guerras da Independência e Abdala, primeiro poema patriótico escrito por José Martí aos 15 anos.

Além dessa façanha, Cuba, com a sua solidariedade internacionalista, contribuiu para salvar vidas em muitos países, ao enviar mais de 50 brigadas médicas a mais de 40 países, as “Brigadas contra desastres naturais e graves epidemias Henry Reeve”, o Exército de batas brancas, como as chamava Fidel, nominadas como candidatas ao Prêmio Nobel da Paz 2021.

Ao finalizar, reiteramos que Cuba segue coerente com seus princípios revolucionários e de defesa do socialismo e com a fundamental unidade, e citamos dois eventos destes dias, importantes na vida política do país, e que reafirmam a Martí, **“Sem plano de resistência não se pode vencer um plano de ataque”**: um deles, o VIII Congresso do PCC, com o lema “Unidad y Continuidad” (de hoje, 16, a 19 de abril); e o outro, em comemoração ao Primeiro de maio próximo, dia do Proletariado Mundial, com o lema “Unidos, hacemos Cuba”.

Havana, 16 de abril de 2021

Referências

CÉSAR, Maria Auxiliadora. *Unidade, participação e resistência: subsídios socialistas à batalha de ideias – in Ascensão da nova direita e colapso da soberania política; transfiguração da política social*, p. 141 a 154. São Paulo: Cortez Editora, 2020.

Favela em Pauta – reportagem: *O que Cuba nos ensina sobre saúde e pandemia*. Goiânia, janeiro de 2021.

Periódico Granma. Año 63 de la Revolución, nº 83, año 57. La Habana/Cuba, abril de 2021.

Revista Bohemia. Año 113, nº 1. La Habana/Cuba, janeiro de 2021.

SUÁREZ, Luis Salazar. *A anormalização das relações Cuba-Estados Unidos: uma visão prospectiva* – in *Politizando, Boletim do Neppos/Ceam/UnB*, ano 6, nº 21. Brasília, dezembro de 2015.

DISCURSO DO PRESIDENTE DE CUBA, MIGUEL DÍAZ-CANEL

INTEGRA DO DISCURSO DO PRESIDENTE DE CUBA, MIGUEL DÍAZ-CANEL, FEITO NO ENCERRAMENTO DO 8º CONGRESSO DO PARTIDO COMUNISTA DE CUBA, EM 19 DE ABRIL DE 2021, ANO 63 DA REVOLUÇÃO.

Díaz- Canel: "El Partido debe ser la fuerza que revoluciona a la Revolución"

Querido General de Ejército Raúl Castro Ruz, líder de la Revolución Cubana;

Queridos compañeros de la generación histórica del proceso revolucionario y fundadores del Partido Comunista de Cuba;

Miembros del Buró Político y del Secretariado del Comité Central del Partido Comunista de Cuba;

Miembros del Comité Central del Partido Comunista de Cuba;

Delegadas y delegados;

Compañeras y compañeros:

El Octavo Congreso concluye y no dudo en calificarlo como histórico. Es un hecho.

Al margen de nuestras emociones y sentimientos por la historia viva y el liderazgo invicto de los que hoy traspasan responsabilidades y obra a nuestra generación, hay una trascendencia imposible de soslayar:

Querido General de Ejército Raúl Castro Ruz, líder de la Revolución Cubana;

Queridos compañeros de la generación histórica del proceso revolucionario y fundadores del Partido Comunista de Cuba;

Miembros del Buró Político y del Secretariado del Comité Central del Partido Comunista de Cuba;

Miembros del Comité Central del Partido Comunista de Cuba;

Delegadas y delegados;

Compañeras y compañeros:

El Octavo Congreso concluye y no dudo en calificarlo como histórico. Es un hecho.

Al margen de nuestras emociones y sentimientos por la historia viva y el liderazgo invicto de los que hoy traspasan responsabilidades y obra a nuestra generación, hay una trascendencia imposible de soslayar:



La Generación del Centenario del Apóstol, guiada por Fidel y Raúl a lo largo de más de seis intensas décadas, puede declarar hoy, con dignidad y orgullo, que la Revolución Socialista que hicieron a solo 90 millas del poderoso imperio, está viva, actuante y firme, en medio del vendaval que estremece a un mundo más desigual e injusto, después del derrumbe del sistema socialista mundial.

Y esa generación puede decir mucho más. Puede afirmar que la Revolución no termina con ella, porque logró formar nuevas generaciones igualmente comprometidas con los ideales de justicia social que tanta sangre ha costado, de los mejores hijos de la nación cubana.

Lo que recibimos hoy no son cargos y tareas. No es solo la conducción de un país. Lo que tenemos delante, desafiándonos continuamente, es una obra heroica, descomunal.

Es el osado alzamiento de Céspedes, es la vergüenza imbatible de Agramonte, es la digna intransigencia de Maceo, es la astucia impresionante de Gómez, es el empuje libertario de los cimarrones, es la pasión de los poetas de la guerra, es la fiereza de Mariana en la manigua y es la luz inspiradora de Martí.

Es la fundadora juventud de Mella, los versos tremendos de Villena, el antimperialismo radical de Guiterras, la entrega absoluta de la Generación del Centenario, Haydée y Melba tras los barrotes, Vilma desafiando a los represores, Celia organizando la Comandancia de la Sierra, las madres cubanas enfrentando a la dicta-

dura que asesinaba a sus hijos; el pelotón femenino de la Sierra, la fidelidad sin límites de Camilo, el legado universal del Che, el liderazgo profundo y creador de Fidel, la continuidad sostenida por Raúl.

Es la Gran Rebelión, la clandestinidad, los frentes guerrilleros, la Contraofensiva estratégica, la invasión a Occidente, las batallas decisivas, la entrada triunfal a La Habana, la Reforma Agraria, la Alfabetización, la lucha contra bandidos, las milicias, la Victoria de Girón, la Crisis de Octubre, la colaboración internacionalista en África, Asia y América Latina, la guerrilla del Che, hasta la sangre por Vietnam, por Angola, por Etiopía, por Nicaragua, las brigadas médicas, Elián González, Los Cinco, la ELAM, la Operación Milagro, el ALBA, el contingente Henry Reeve, la Ciencia, la Medicina, la Cultura, el deporte de alto rendimiento, las Universidades, y la solidaridad humana refundada en esta tierra.

Lo que nos une es tanto, que la lista estará siempre incompleta, pero puede dar idea del gran monumento que el pueblo cubano ha levantado en más de 150 años de lucha.

Esa historia se puede resumir en dos palabras: Pueblo y Unidad, que es decir Partido. Porque el Partido Comunista de Cuba, que nunca ha sido un partido electoral, no nació de la fractura. Nació de la Unidad de todas las fuerzas políticas con ideales profundamente humanistas que se habían fogueado en la lucha por cambiar a un país desigual e injusto, dependiente de una potencia extranjera y bajo el yugo de una tiranía militar sangrienta.

Hoy decimos Somos Cuba, Cuba Viva y suena sencillo y fácil, pero qué difícil ha sido alcanzar y mantener la soberanía y la independencia, en medio del cerco más feroz.

La generación histórica, consciente de su rol en esa creación heroica que es cada día de la Revolución Cubana frente a la multidimensional guerra permanente que le hace su más cercano vecino, trabajó siempre en la formación de las nuevas generaciones y ha facilitado el paulatino traspaso de las principales responsabilidades de dirección.

Gracias a esa paciente labor de años, hoy se verifica aquí un hito en nuestra historia política, que define al Octavo Congreso como el Congreso de la Continuidad. Y el principal abanderado de ese proceso ha sido el compañero General de Ejército Raúl Castro Ruz (Aplausos).

Cuando asumí como Presidente de los Consejos de Estado y de Ministros en el año 2018, quise expresar en mi discurso los sentimientos de muchos de nosotros y reconocer su labor al frente de la Revolución y el Partido.

Con su proverbial modestia, me pidió suprimir algunas de las palabras que sobre él deseé exponer entonces. Hoy, abusando de la responsabilidad que asumo al frente del Partido y con más conocimiento de causa,

debido a nuestra entrañable compenetración en el abordaje de los temas y tareas estratégicas del país, al vivir en primera persona el modo en que ha conducido nuestra preparación, quiero decir, para hacer justicia histórica, lo que en aquel momento escribí y por disciplina callé.

El compañero Raúl, quien ha preparado, conducido, liderado este proceso de continuidad generacional con tenacidad, sin apego a cargos y responsabilidades, con elevado sentido del deber y del momento histórico, con serenidad, madurez, confianza, firmeza revolucionaria, con altruismo y modestia, por mérito propio, por legitimidad y porque Cuba lo necesita, será consultado sobre las decisiones estratégicas de mayor peso para el destino de la nación (Aplausos). Estará siempre presente, bien al tanto de todo, combatiendo con energía, aportando ideas y propósitos a la causa revolucionaria, a través de sus consejos, su orientación y su alerta ante cualquier error o deficiencia, presto a enfrentar al imperialismo como el primero con su fusil en la vanguardia del combate.

El General de Ejército continuará presente porque es un referente para cualquier comunista y revolucionario cubano. Raúl, como cariñosamente le llama nuestro pueblo, es el mejor discípulo de Fidel, pero también ha aportado innumerables valores a la ética revolucionaria, a la labor partidista y al perfeccionamiento del gobierno.



La obra emprendida bajo su liderazgo al frente del país en la última década es colosal. Su legado de resistencia ante las amenazas y agresiones y en la búsqueda del perfeccionamiento de nuestra sociedad es paradigmático.

Asumió la dirección del país en una difícil coyuntura económica y social. En su dimensión de estadista, forjando consenso ha encabezado, impulsado y estimulado profundos y necesarios cambios estructurales y conceptuales como parte del proceso de perfeccionamiento y actualización del modelo económico y social cubano.

Raúl fue capaz de lograr la renegociación de una enorme deuda defendiendo con honestidad y respeto la palabra empeñada y el principio de que la nación honraría sus compromisos con los acreedores, lo cual fortaleció la confianza hacia Cuba.

Con sabiduría condujo el debate que culminó en una trascendental actualización de la Ley Migratoria, impulsó transformaciones en el sector agropecuario, promovió sin prejuicios la ampliación de las formas de gestión del sector no estatal de la economía, la aprobación de una nueva Ley de Inversión Extranjera, la creación de la Zona Especial de Desarrollo Mariel, la eliminación de trabas para el fortalecimiento de la empresa estatal cubana, las inversiones en el sector turístico, el programa de informatización de la sociedad y el mantenimiento y perfeccionamiento, hasta donde ha sido posible, de nuestras conquistas sociales.

Con paciencia e inteligencia, Raúl logró la liberación de nuestros Cinco Héroes, cumpliéndose así la promesa de Fidel de que volverían.



Ha signado con su estilo una amplia y dinámica actividad en las relaciones exteriores del país. Con firmeza, dignidad y temple dirigió personalmente el proceso de conversaciones y negociaciones que tuvieron como fin el restablecimiento de las relaciones diplomáticas con los Estados Unidos.

Las indudables cualidades de Raúl como estadista, como defensor de la integración latinoamericana, distinguieron de manera especial el periodo de Cuba en la presidencia pro tempore de la CELAC. Su legado más importante, la defensa de la unidad dentro de la diversidad, condujo a la declaración de la región como Zona de Paz y contribuyó de manera decisiva a las conversaciones para la paz en Colombia.

Raúl ha defendido como nadie los derechos de los países caribeños y en particular los de Haití en los foros internacionales. Con profundo orgullo, los cubanos escuchamos su voz emocionada y su discurso preciso en la Cumbre de Las Américas en Panamá, donde recordó la verdadera historia de Nuestra América.

Estas realizaciones las condujo mientras enfrentaba la enfermedad y la muerte de su amada compañera de vida y de luchas, nuestra extraordinaria Vilma (Aplausos), con quien compartió la pasión por la Revolución y fundó una hermosa familia. También sufrió en ese periodo la enfermedad y el fallecimiento de su principal referente en la vida revolucionaria, además de su jefe y hermano, el compañero Fidel, a quien ha sido leal hasta las últimas consecuencias (Aplausos).

Al dolor humano antepuso el valor revolucionario y el sentido del deber. Besó la urna que guarda las cenizas de Vilma y saludó militarmente la piedra con el

nombre de Fidel y dirigió el país sin descanso, con acierto, con ímpetu, con devoción. Sus aportes a la Revolución son trascendentes.

Ese Raúl que conocemos, admiramos, respetamos y queremos, debutó en la política como el abanderado de un grupo de jóvenes universitarios que en abril de 1952 enterraron simbólicamente la Constitución del 40, humillada por el golpe de Estado del 10 de marzo; en enero de 1953 fue uno de los fundadores de la Marcha de las Antorchas y en marzo del mismo año acudió a la Conferencia Internacional sobre los Derechos de la Juventud y a la preparación del Cuarto Festival Mundial de la Juventud y los Estudiantes. A su regreso, se convirtió en uno de los asaltantes al Moncada, donde se hizo Jefe en el combate; luego cumplió prisión en Isla de Pinos, participó en la preparación de la lucha contra la tiranía de Batista durante el exilio en México, desembarcó en el Granma, se reencontró con Fidel en Cinco Palmas, emprendió la contienda en la Sierra Maestra; por méritos y valor fue ascendido a Comandante y de ejemplar manera fundó el II Frente Oriental Frank País.

Es también el dirigente político que ha promovido el debate para el perfeccionamiento de la labor partidista, exigiendo siempre un fuerte vínculo con el pueblo, con el oído pegado a la tierra. A él debemos frases y decisiones determinantes en momentos cruciales para el país, como aquella advertencia de que los “frijoles son tan importantes como los cañones” y el emblemático “Sí se puede”, que levantó los ánimos nacionales en el momento más oscuro del Periodo Especial.

El jefe militar del II Frente Oriental que, en plena guerra de liberación, desarrolló experiencias organizativas y de gobierno en bien de la población, que serían después multiplicadas en todo el país al triunfo

El Comandante en Jefe de la Revolución Cubana, quien puso en el pecho del General de Ejército las condecoraciones más altas, dedicó a su labor como dirigente las palabras exactas durante la clausura del V Congreso del Partido. Hablando de su hermano de sangre y de ideas, Fidel dijo:



”

La vida nos ha deparado muchas satisfacciones y muchas emociones, mucha suerte, y digo realmente que ha sido una suerte para nuestro Partido, nuestra Revolución y para mí que hayamos podido disponer de un compañero como Raúl, de cuyos méritos no tengo que hablar, de cuya experiencia, capacidad y aportes a la Revolución no es necesario hablar. Es conocido por su actividad infatigable, su trabajo constante y metódico en las fuerzas armadas, en el Partido. Es una suerte que tengamos eso.

Esa suerte, descrita por Fidel, se llama Raúl Modesto Castro Ruz.

”

Aplausos

Compañeras y compañeros:

Este Congreso, con su amplio y crítico debate, defendiendo la visión integral de continuidad, ha aportado ideas, conceptos y directrices que trazan la guía para avanzar resistiendo. Pero es imprescindible enfrentar ese desafío con el mayor conocimiento posible del complejo contexto nacional e internacional, conscientes de que el mundo cambió de un modo dramático y hay demasiadas puertas cerradas para las naciones de menos recursos y muchas más para quienes nos empeñamos en ser soberanos.

La alta concentración, diversidad y complejidad de los medios de comunicación actuales, de las herramientas tecnológicas que sustentan las redes digitales y de los recursos empleados en la generación de contenidos, permiten a grupos poderosos —fundamentalmente desde los países altamente desarrollados—, convertir

en patrones universales ideas, gustos, emociones y corrientes ideológicas, muchas veces completamente ajenas al contexto que impactan. Para estos hechizos de la comunicación, la verdad no solo es negociable sino peor aún: prescindible. A través de la diseminación de matrices mentirosas, manipulaciones e infamias de todo tipo, contribuyen a promover la inestabilidad política en el intento de derrocar gobiernos, allí donde no se ha logrado quebrar la voluntad de una nación libre e independiente.

Ningún pueblo está a salvo de la mentira y de la calumnia en la era de la “posverdad”. Es una realidad que Cuba enfrenta todos los días, mientras persiste en su voluntad de construir una sociedad más justa, soberana y socialista, en paz con el resto del mundo y sin interferencias o tutelas extranjeras.

En el Informe Central se expusieron con franqueza varios de los desafíos específicos que enfrenta nuestro país, en particular los asociados a los intentos de dominación y hegemonía del imperialismo estadounidense y el brutal bloqueo, cuyo impacto extraterritorial nos golpea en casi todos los frentes y en los últimos cuatro años escaló a niveles cualitativamente más agresivos.

Nadie con un mínimo de honestidad y con datos económicos que son de dominio público puede desconocer que ese cerco constituye el principal obstáculo para el desarrollo de nuestro país y para avanzar en la búsqueda de la prosperidad y el bienestar. Al ratificar esta verdad, no se intenta ocultar las insuficiencias de nuestra propia realidad, sobre lo que hemos abundado bastante. Se trata de responder a los que con cinismo difunden la idea de que el bloqueo no existe.

El bloqueo económico, comercial y financiero impuesto por los Estados Unidos a Cuba por más de 60 años, arrejado oportunista y vilmente en los periodos de mayor crisis de las últimas tres décadas, para que el hambre y la miseria provoquen un estallido social que socave la legitimidad de la Revolución, es la más larga afrenta sostenida en el tiempo, contra los derechos humanos de un pueblo y constituye, por sus efectos, un crimen de lesa humanidad.

Esta transgresión histórica permanecerá indeleble en la conciencia y el corazón de las cubanas y cubanos que hemos sentido en carne propia el ensañamiento desproporcionado de un enemigo muchas veces superior, que no acepta la construcción en sus narices de una alternativa de sociedad más justa y equitativa, fundada en principios sólidos y en ideales de justicia social y solidaridad humana, con

la independencia y la soberanía como brújula y sostén fundamental de nuestras decisiones.

Que nadie ose quitarle al bloqueo ni un adarme de culpa de nuestros principales problemas. Hacerlo sería negar los inmerecidos poderes del imperio: su dominio casi absoluto de los mercados globales y las finanzas y la determinante influencia en la política de otros gobiernos, algunos de los cuales, creyendo ser socios, actúan como secuaces.

Hay que decirlo una y otra vez sin temor a repetirnos. Primero deben cansarse ellos de tan largo como inútil crimen. Nuestro reclamo a que se le ponga fin es y será sin tregua, en lucha incesante mientras permanezca vigente esa política despiadada y genocida. Sabemos que contamos con el apoyo de la comunidad internacional, ratificado en innumerables ocasiones, y de gran parte de los cubanos en el exterior.

Hasta el día de hoy permanecen en vigor las 242 medidas de agresión impulsadas por el gobierno de Donald Trump, a las que se suman las acciones resultantes de la reincusión de Cuba en la espuria y arbitraria lista del Departamento de Estado sobre países que supuestamente patrocinan el terrorismo. Ningún funcionario estadounidense y ningún político de ese u otro país puede afirmar sin faltar a la verdad que Cuba patrocina el terrorismo. Somos un país víctima del terrorismo, organizado, financiado y ejecutado en la mayoría de los casos desde los Estados Unidos.

Continúan las campañas de subversión e intoxicación ideológica promovidas por agencias y entidades de los Estados Unidos, dirigidas a desprestigiar a Cuba, a calumniar la Revolución, a tratar de confundir al

pueblo, a fomentar el desánimo, la desidia, la inconformidad, exacerbando las contradicciones internas. Están concebidas para aprovecharse de la escasez material incuestionable, de las dificultades que enfrenta nuestra población, como consecuencia del efecto combinado de la crisis económica global, la pandemia de la COVID-19 y del reforzamiento del bloqueo económico.

Se dice que Cuba no es una prioridad para los Estados Unidos, y como nación soberana no tendría por qué serlo. Valdría la pena cuestionarse: ¿Por qué existen entonces legislaciones específicas, como la Ley Torricelli o la Helms-Burton —por solo mencionar dos ejemplos—, cuyo propósito es agredir y tratar de controlar el destino de Cuba desde la coacción a terceros que establezcan o pretendan establecer vínculos comerciales o de cooperación? ¿Por qué los Estados Unidos dedican cientos de millones de dólares a tratar de subvertir el orden constitucional cubano? ¿Por qué emplean tanto tiempo y recursos en tratar de socavar la conciencia nacional de las cubanas y los cubanos? ¿Qué justifica una guerra económica cruel e incesante durante más de 60 años? ¿Por qué pagan el precio del aislamiento internacional, evidenciado en las Naciones Unidas y en otros foros internacionales, al mantener una política moral y legalmente insostenible?

Nuestra aspiración es a vivir en paz y relacionarnos con nuestro vecino del Norte como lo hacemos con el resto de la comunidad internacional, sobre bases de igualdad y respeto mutuos, sin injerencias de ninguna índole. Es la posición del Partido y del Estado. Es la voluntad de nuestro pueblo.

Resulta llamativo que el Gobierno de Estados Unidos declare como

prioridades de su política exterior la lucha contra el cambio climático; el enfrentamiento a las amenazas de salud, como la pandemia de la COVID-19; la promoción de los derechos humanos, y los temas migratorios. Es algo que contrasta con la conducta real de ese país y su trayectoria histórica, tanto en política interna como externa. Los ejemplos son conocidos.

Paradójicamente, estas cuatro cuestiones constituyen áreas en las que el interés de ambos pueblos y el beneficio mutuo justificarían explorar las posibilidades de cooperación bilateral, si verdaderamente se busca solución a problemas tan complejos, con honestidad y ánimo de alcanzar resultados.

En estos tiempos de incertidumbre mundial, de enorme desafío medioambiental, bajo el embate de una pandemia que ha reconfigurado el comportamiento del mundo y que agudiza la crisis global que se nos venía encima, la labor partidista estará centrada en la defensa de la Revolución. El Partido conduce la política exterior de la Revolución Cubana, que descansa en la noción de que un mundo mejor es posible y que para luchar por él se requiere del concurso de muchos y de la movilización de los pueblos.

Esa ha sido una guía constante de nuestro desempeño internacional y la confirmamos en este Congreso.

Expresamos la voluntad de desarrollar relaciones de amistad y de cooperación con cualquier país del mundo, nos satisface practicar la solidaridad internacionalista aun en países cuya ideología gubernamental no compartimos. Ratificamos la determinación de exponer las verdades con claridad, por mucho que molesten a algunos, de defender principios, de acompañar las causas justas, de enfrentarnos a los atropellos, como nos enfrentamos a la agresión extranjera, al colonialismo, al racismo y al apartheid.

Es la base de nuestra aspiración a la plena independencia de Nuestra América y del empeño en ayudar a lograr

una región económica y socialmente integrada, capaz de defender el compromiso de América Latina y el Caribe como Zona de Paz.

Es la política exterior descrita en el Informe Central del Congreso y que ratificamos hoy.

Compañeras y compañeros:

Ha sido muy difícil resistir y enfrentar la actual situación, que ralentiza nuestros pasos hacia la prosperidad deseada. No hemos dejado de atender las demandas y necesidades del pueblo, argumentando cada decisión, convocando y emprendiendo procesos, con acciones y medidas complejas, pero lo cierto es que no siempre se ha logrado comprensión y éxito.

Lo digo sin queja. En una Revolución auténtica la victoria es el aprendizaje. No marchamos sobre una ruta probada. Estamos desafiados a innovar constantemente, cambiando todo lo que deba ser cambiado, sin renunciar a nuestros más firmes principios. Sin apartarnos jamás del concepto Revolución que nos legó el líder invicto de esta proeza, pero libres de ataduras rígidas y conscientes de los posibles equívocos que entraña hacer camino al andar.

El General de Ejército citaba en el Informe Central las aportadoras experiencias de China y Vietnam, con progresos innegables en la economía y el nivel de vida de sus poblaciones. Ambos procesos, que confirman las elevadas potencialidades de la planificación socialista, sufrieron más de una corrección en el camino, aunque el bloqueo a sus economías duró menos tiempo y ha sido menos agresivo.

El trabajo del Partido en las circunstancias actuales ha sido y seguirá siendo fundamental. No es posible imaginar este momento sin la labor de la vanguardia política, pero nuestra organización está urgida de cambios en su estilo de trabajo, más acordes con esta época y sus desafíos.

El Partido Comunista de Cuba continuará en el reconocimiento y defensa de nuestras esencias: la independencia, la soberanía, la democracia socialista, la paz, la eficiencia económica, la seguridad y las conquistas de justicia social: ¡el Socialismo! A ellas sumamos la lucha por una prosperidad que abarque desde la alimentación hasta la recreación, que incluya el desarrollo científico, una riqueza espiritual superior, el bienestar, y que empodere el diseño de lo funcional y lo bello.

Vale la pena defender el socialismo porque es la respuesta a la necesidad de un mundo más justo, equitativo, equilibrado e inclusivo; es la posibilidad real de diseñar con inteligencia y sensibilidad un espacio donde caben todos y no solo los que tienen los recursos. Apunta como ningún otro sistema a concretar el afán martiano de conquistar toda la justicia.

La fuerza principal para lograr tal propósito es la unidad, todo lo que nos une: los sueños, las preocupaciones, pero también las angustias ante peligros comunes. Defendemos esa unidad, sin discriminar, sin dar espacio a prejuicios, dogmas o encasillamientos que dividen injustamente a las personas.

Un elemento indispensable para sostener esa unidad que se forja desde el Partido, es la ejemplaridad de la militancia, lo que exige de cada militante una actitud pública que, desde la capacidad, la entrega, los resultados, despierte admiración y respeto en un pueblo con aguda percepción, capaz de reconocer a distancia el falso compromiso y la doble moral.

La continuidad generacional es parte fundamental de esa unidad. Es preciso hablar y compartir realizaciones con nuestros jóvenes como las más importantes personas que son; distinguirlos como gestores de las transformaciones en marcha. En ellos está la fuerza, la disposición y decisión, la sinceridad para cualquier emprendimiento o aporte revolucionario que la situación demande. En el clímax de la pandemia lo han demostrado con arrojo y responsabilidad.

Hoy le corresponde al Partido consolidar la autoridad ganada por los méritos de la generación histórica y preservar el liderazgo y la autoridad moral de nuestra organización.

Para lograr esos objetivos, resulta indispensable fortalecer las dinámicas de funcionamiento del Partido y la proactividad de su militancia ante los problemas más acuciantes que afronte la sociedad, bajo la premisa de que por el carácter de Partido único, el nuestro tendrá siempre el desafío de ser cada vez más democrático, más atractivo, más cercano al pueblo en su conjunto y no solo en su entorno inmediato.

Aunque se ha debatido bastante el tema antes y durante el Congreso, quisiera apuntar algunos criterios sobre la necesidad de fortalecer la vida interna del Partido para tener más vida externa, es decir, para funcionar realmente como una vanguardia con liderazgo, capaz de proyectarse en su ámbito con auténticas preocupaciones por el funcionamiento de la sociedad, y con un poder de convocatoria y de movilización que derrote cualquier plan de los enemigos de la nación cubana que intente provocar un estallido social.

Hoy precisamos de modos más consensuados y de una documentación mejor preparada para fomentar debates honestos y aportar a lo interno de nuestros núcleos, y estimular el debate popular, propiciando encuentros periódicos con estudiantes y con jóvenes de

diferentes profesiones y oficios.

No son tiempos de boletines impresos o de espera de largos procesos de coordinación y análisis para promover debates en nuestros núcleos. La dinámica de este tiempo nos obliga a buscar vías más ágiles, breves y novedosas de comunicar orientaciones. En la era de Internet, que ya les permite a millones de cubanos llevar determinada percepción del mundo en un celular, nuestros mensajes a la militancia no pueden seguir la lenta ruta de la vieja imprenta.

La principal premisa, también legado del Comandante en Jefe, es no mentir jamás ni violar principios éticos. En esos valores descansa la sólida autoridad del Partido, cuya militancia estará convocada siempre a decir y evaluar la verdad por dura que sea o parezca. En ese principio hemos sido educados los cuadros de la Revolución. Y todos los militantes estamos convocados permanentemente a empuñar la verdad como primer arma de combate. Es la misión de la vanguardia que integramos.

La verdad, clara y oportunamente expresada, es inseparable del deber permanente de ser y dar ejemplo. Nuestra capacidad de guiar depende de cómo lo asumimos. Un pueblo como el nuestro, que siempre llevó delante a los más bravos de la tropa, solo aceptará y reconocerá en la vanguardia a quienes seamos capaces de actuar como quienes nos formaron.

Lo más revolucionario dentro de la Revolución es y debe ser siempre el Partido, así como el Partido debe ser la fuerza que revoluciona a la Revolución (Aplausos).



Vemos y sentimos a nuestros intelectuales y artistas, a los educadores, a los médicos, a los periodistas, a los científicos, a los creadores, a los deportistas, también a los profesionales y técnicos, estudiantes, obreros, trabajadores y campesinos, a los combatientes de las FAR y el MININT, que militan en el Partido y en su Juventud, como el motor que revoluciona a la Revolución de forma constante.

Y es nuestro deber como cuadros del Partido entender que esa fuerza política no es monocromática, ni idéntica entre sí, y mucho menos unánime al expresarse. Debemos ser capaces de apreciar la fuerza del bosque, de sus árboles en fila y en cuadro apretado cuando la Revolución lo precise. La unidad tiene que prevalecer sin olvidar jamás que hay que ver el bosque y también los árboles. El colectivo y las individualidades no son lo mismo, aunque unidos se perciban así. Preservar la legitimidad necesaria para que el proyecto siga avanzando parte del conocimiento profundo de sus singularidades.

No podemos dejarnos vencer por el peso de las dificultades. Es necesario dar nueva vitalidad a la movilización popular, cuyas iniciativas nos fortalecen.

La rutina ha minado muchos de nuestros procesos y hoy estudios teóricos y la promoción de eventos sobre la viabilidad del socialismo, las ideas del marxismo leninismo, las tradiciones del pensamiento cubano, en particular de Martí y de Fidel, son temas de seguimiento impostergable en nuestras escuelas del Partido, junto con la necesaria formación teórica y de administración, con técnicas de dirección modernas y una amplia base cultural e histórica.

Soy un convencido, de que debemos incorporar como pilares de nuestra labor, la informatización de todos los procesos al interior de la organización, el apoyo en la ciencia y la innovación para el abordaje y la solución de los temas más complejos, así como el desarrollo creativo de la comunicación social.

La labor partidista en la búsqueda constante de alternativas emancipadoras, también está urgida de un baño de ciencia y de tecnología, que deben ser partes de ese proceso.

apremia sacudirse las inercias para promover la discusión honesta y aportadora sobre temas de prioridad, definiendo acciones en cada lugar y con la participación de los cuadros en la vida de los núcleos.

Hacer del crecimiento de las filas del Partido un proceso que suscite interés genuino, con repercusión social, generar métodos de trabajo más atractivos, desde la rendición de cuentas del militante hasta las dinámicas cotidianas del trabajo político en los municipios y las provincias.

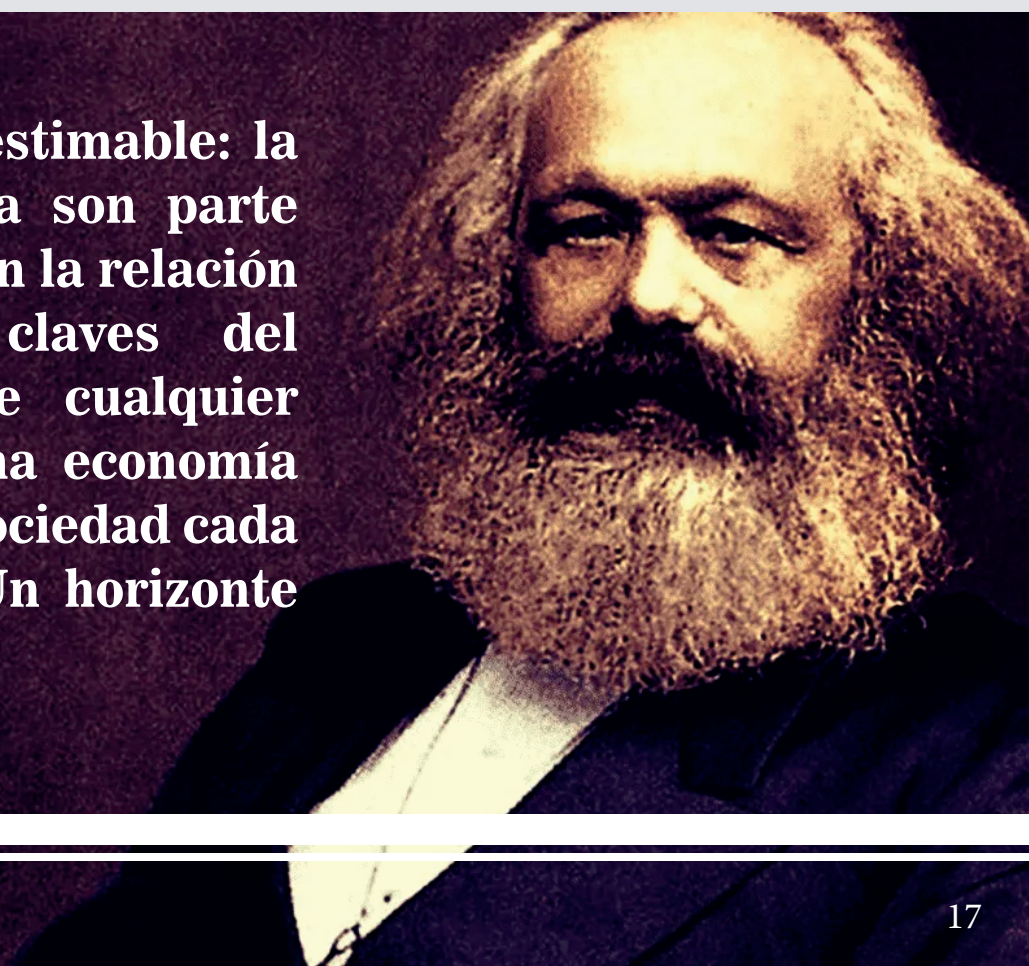
En la medida en que abordemos con claridad y transparencia las batallas por elevar la calidad de vida de los cubanos y que sumemos a los jóvenes a participar con su natural entusiasmo en todas las tareas cruciales para el país, estaremos reactivando las esencias del Partido.

Es nuestra obligación ser abanderados de la pelea contra la corrupción, los modos deshonestos de actuar, el abuso de poder, el favoritismo y la doble moral.

Que nuestro comportamiento en el trabajo, ante la sociedad, la familia y el círculo de amistades sea coherente con los valores que defendemos.

La disciplina partidista, la dirección colectiva, los

El marxismo nos ha dejado un legado inestimable: la certeza de que la ciencia y la tecnología son parte indisoluble de los procesos sociales y que en la relación ciencia-tecnología-sociedad están las claves del desarrollo perspectivo y prospectivo de cualquier proyecto. Es el camino para construir una economía socialista basada en el conocimiento, una sociedad cada vez más cimentada en el conocimiento. Un horizonte promisorio para las nuevas generaciones.



Hay muchas tareas por delante que precisan de una participación activa y proactiva de la militancia en función de movilizar las energías del país hacia los objetivos del desarrollo, particularmente la seguridad y soberanía alimentaria, el desarrollo industrial y el problema energético. Pero también, y en primer lugar, la preparación para la Defensa, el fortalecimiento del orden institucional y del Estado de Derecho socialista.

Continuaremos trabajando en las leyes derivadas de la nueva Constitución y en el fortalecimiento de la democracia socialista, vinculada a la justicia y la equidad social; el ejercicio pleno de los derechos humanos; la representación efectiva y la participación de la sociedad en los procesos económicos y sociales en curso, hacia un socialismo próspero, democrático y sostenible. Todo ello en un entorno cada vez más libre de los lastres del burocratismo, del centralismo excesivo y de la ineficiencia.

El éxito de esos propósitos depende de nuestra capacidad para dialogar con la población, entusiasmar e implicar a toda la ciudadanía y reconstruir valores que le den mayor sentido y trascendencia al compromiso social. Conscientes de que la democracia es más socialista en la medida en que es más participativa,

nos corresponde estimular la participación popular, creando espacios y procedimientos para atender, evaluar y aplicar las demandas y propuestas que la hagan efectiva.

Esa imprescindible conexión con las demandas y necesidades del pueblo a través de la participación, se enlaza con una de las tareas fundamentales de la labor partidista en estos tiempos: la comunicación social, insuficientemente entendida todavía, bajo el erróneo criterio de que es un asunto secundario frente a las urgencias económicas y políticas. Como si esas urgencias no fueran, en algunos casos, resultado de subestimar el peso específico de la comunicación social.

El espacio de la organización de base y del resto de las estructuras partidistas, a lo interno y en su relación con las estructuras del Estado, Gobierno, organizaciones de masa y la sociedad civil, debe ser convocante, facilitador del intercambio y del debate revolucionario, despojado de formalismos, de imposiciones y de orientaciones superfluas. Revolucionario, porque brota de la inquietud de los comprometidos con que el proceso se perfeccione, se fortalezca, no se detenga ni anquilose.

Debemos lograr, entre militantes y no militantes comprometidos con el bienestar de Cuba, la búsqueda de soluciones eficaces, que en la práctica cotidiana aporten, desde la base, el entendimiento cabal de nuestra realidad. Cada persona, cada colectivo, cada organización de masa cuenta. La batalla es nuestra, es de todos y en ella debemos concentrar nuestros esfuerzos. Se trata de supervivencia, de dignidad, de decoro y de preservar las conquistas alcanzadas.

Compatriotas:

La Revolución ha dado sentido a términos que no debemos abandonar en nuestra voluntad de enfrentar y transformar el contexto: defendamos la prestancia, el prestigio, la dicha, la decencia, los derechos, la eficiencia, la calidad, la cultura del detalle, la belleza, la virtud, la honra, la dignidad y la verdad en todo lo que nos proponemos y hacemos.

Desde esa práctica partidista debemos proponernos avanzar en el ordenamiento, la recuperación, la ponderación y el fortalecimiento de los valores éticos y morales que nos han traído hasta aquí, golpeados indudablemente en las últimas décadas por las adversidades y las sucesivas y difíciles circunstancias.

Ante el injusto orden económico internacional impuesto por el quebrado y desacreditado neoliberalismo, Cuba mantiene una línea de actuación que inspira admiración, asombro y todo tipo de sentimientos favorables entre aquellos que anhelan una realidad global mejor. También ese comportamiento acrecienta la frustración, el desespero y la impotencia del vecino del Norte y de sus acólitos, de los vendepatria y anexionistas, de los sumisos e indignos que se pliegan a los designios del imperio, todos ellos jurados enemigos que se empeñan en construir los más perversos planes para atacar a la Revolución, crear desconfianza y quebrar la unidad.

Apretando las clavijas del cerco económico se quiere construir la matriz de una Revolución rígida, detenida, lenta, que no tiene soluciones ni nada nuevo que ofrecer, incapaz de propiciar diálogos y defender la participación, de dar felicidad. Tratan de robarnos temas, palabras y frases para paralizar voluntades y destruir sentimientos y paradigmas. El dinero corre a raudales para enterrar a la Revolución.

No somos una sociedad cerrada, ni este es un proceso revolucionario débil, desfasado o anquilosado. A lo largo de 60 años hemos afianzado un proyecto político absolutamente novedoso y desafiante, en medio de presiones inimaginables. Y hemos crecido, avanzado y rectificado muchas veces en aras de perfeccionarlo.

En la batalla ideológica debemos acudir a Fidel, quien nos enseñó no solo que la cultura es lo primero que hay que salvar, sino que para salvarla tenemos que ser interlocutores constantes de nuestros intelectuales y artistas.

También nos enseñó que este no sería un diálogo cómodo para las partes involucradas, pero que sí tenía y tiene que ser un proceso permanente, donde el respeto y la voluntad de trabajar juntos queden genuinamente probados.

La Revolución no solo no le teme al pensamiento creador, sino que lo aúpa, lo cultiva, abre campos para su crecimiento y desarrollo, lo reconoce y se nutre de sus aportes. Por eso creó un sistema de enseñanza y de promoción que por todos estos años, incluso en los más difíciles, ha servido de protección y de salvaguarda de lo más valioso del patrimonio material e inmaterial de la obra de los creadores cubanos.

El aprendizaje en los campos de la política y la ideología concierne a

todas las fuerzas que participan en un proceso. Lo imperdonable no es haber cometido errores en los años precedentes o ahora mismo, lo imperdonable sería no corregirlos.

En ese sentido hemos sido coherentes, se ha rectificado y existe la voluntad de continuar haciéndolo, porque es consustancial al desarrollo en el terreno de las ideas como en el de la economía y otros.

Una hermosa canción, cantada a dúo por Silvio Rodríguez y Santiago Feliú advierte: “¡Cuánto se duda cada vez que la mentira gana!” Los grandes medios y las redes sociales digitales funcionan como plataformas efectivas para la manipulación y la mentira sin límites. Detrás de cada ser que duda o que comparte una noticia falsa, ellos se anotan una pequeña y maligna victoria.

Sería ingenuo pretender que los exponentes de determinados actos artísticos, políticos o de cualquier naturaleza ignoren o no les interese considerar los contextos. De oportunos a oportunistas, de liberales a caóticos, de independentistas a neoanexionistas, de trascendentales a irresponsables, hay una fina y frágil distancia.

Que ni siquiera admitan que se conspira con saña desde la derecha más radical para eliminar nuestra experiencia sin miramientos y que si perecemos como proyecto nunca más tendremos la autodeterminación como opción, termina por ser una irresponsabilidad criminal con su país y con su tiempo.

Ya no hablamos siquiera de la colonización desde la cultura, hablamos de guerra desde la ultraderecha más conservadora, hoy desesperada y sin cuartel, que apela a todo ansiosa por adelantarse a cualquier escenario de progreso, obsesionada con destruir

todo proyecto de izquierda.

Son sociópatas con tecnología digital siempre disponible, siempre a punto, en guerra abierta a la razón y a los sentimientos. Atacan, no a un sistema político solamente sino a las verdaderas urgencias del hombre, a lo que nos conecta como especie. Esa es la guerra más peligrosa, pero también la más cobarde.

No podemos desconocer que los enemigos de la Revolución aplican los conceptos de Guerra No Convencional contra Cuba, una guerra en la que todo lo banal, vulgar, indecente y falso, vale, y, sin embargo, trata de colarse por el flanco de la sensibilidad, de la cultura y del pensamiento.

Los paladines de la libertad que trafican con valores que ni siquiera conocen, pretenden desmontar una Revolución que ha emancipado a millones.

Incitan descaradamente a la profanación de símbolos y de los hechos y espacios más sagrados de la historia patria, convocan a la desobediencia, al desacato, al desorden y la indisciplina pública, acompañando a estos llamamientos con la construcción calumniosa de seudorealidades, empeñados en confundir, desalentar y promover sentimientos negativos.

La Revolución Cubana no será traicionada ni regalada a quienes pretenden vivir jugando con la suerte de la Patria (Aplausos). No vamos a permitir que los activistas —como dicen ellos mismos, entre comillas— del caos, de la vulgaridad, del desacato, mancillen la bandera e insulten a las autoridades. No ignoramos que buscan desesperadamente ser detenidos para cumplir el mandato de quienes les pagan, que no acaban de encontrar víctimas creíbles para sus infames informes sobre Cuba.

Es bueno advertir al lumpen mercenario que lucra con el destino de todos, a los que piden “invasión ya”, a los que continuamente ofenden de palabra y de hecho a quienes no descansan, ¡que la paciencia de este pueblo tiene límites! (Aplausos prolongados.)

La virtud estará en saber cerrar filas en la defensa de la patria que nos confiaron quienes nos han precedido y nos han traído hasta el presente.

Ni en el peor de los escenarios un militante puede ser pasivo espectador de una provocación o dejar que una compañera o compañero de fila se enfrente en solitario a los provocadores. ¡A la Revolución la defienden los revolucionarios! (Aplausos.) Y entre los revolucionarios, los comunistas vamos al frente (Aplausos). Jamás como élite, sino en calidad de fuerza consciente y comprometida. Eso significa ser y actuar como vanguardia política (Aplausos).

Hay que sentir orgullo por integrar las filas del Partido y entender la militancia como un acto de consagración a los ideales que la organización defiende con pasión, con alegría, y con responsabilidad.

Es hora de comprender y emplear todos los recursos de la comunicación social, particularmente el trabajo en redes para tratar los temas que estremecen a la sociedad, para intercambiar y dar respuesta oportuna desde cualquier institución a la que acudan los ciudadanos, para favorecer la participación, la transparencia y la rendición de cuentas, para mostrar los ánimos que mueven al país.

Debemos aprovechar todos los espacios de la comunicación para dar nuestra batalla como revolucionarios, haciendo sentir el peso de la historia, las razones y convicciones patrióticas, las claves del liderazgo colectivo. Tenemos el desafío de contar con voz propia todo lo bueno que se ha hecho, así como lo que puede y debe seguir haciéndose, mostrando nuestras luces y compromisos.

Vivimos en un país estructurado y organizado, donde se trabaja mucho para resistir el embate de una realidad hostil y asfixiante, pero que se empeña en seguir adelante hacia un mayor bienestar social. Esa verdad hay que hacerla sentir todos los días mediante un goteo informativo, educativo, ilustrativo sobre cada proyecto, sobre cada escenario de resistencia y de construcción para superar la adversidad.

Hagámoslo sin altisonancias, ni alardes, ofreciendo contenidos desde la verdad y la virtud, desde la firmeza y la coherencia, desde la elegancia y la medida, sin discursos que provoquen agobio y rechazo, con argumentos y senti-

mientos, desde la sensibilidad y la empatía. Con el lenguaje de los que resisten a diario desde esa dimensión más íntima de la Patria que es el barrio, la pequeña parcela de tierra, la comunidad, la fábrica, la escuela, la obra, la familia y acortando la brecha entre los discursos institucionales y las demandas públicas.

La Revolución es diálogo verdadero que antepone la verdad y la ética a la indecencia y la perversidad, que no negocia su existencia, no legitima a mercenarios y actúa con seguridad y firmeza.

Abordemos con objetividad los avances en la lucha por la emancipación de la mujer, contra la violencia de género, el racismo y la discriminación, a favor del cuidado y protección del medio ambiente y los animales. Y reconozcamos que nos falta avanzar aún, para dar cada vez más una respuesta más justa a las inquietudes populares.

Ejercemos una militancia partidista y revolucionaria que sea activa en el enfrentamiento a las conductas racistas, y discriminatorias y en defensa de los derechos de la mujer cubana.

Compañeras y compañeros:

Permítanme ahora unas palabras sobre la crucial batalla económica, sin la cual todas las demás pueden resultar inútiles.

El quinquenio que evalúa este Congreso no exhibe buenos resultados económicos. En ello también influyen la ineficiencia e ineficacia en el desempeño de una parte significativa del sistema empresarial y del sector presupuestado, se presentan problemas estructurales que afectan su desenvolvimiento, y que no han logrado resolverse en el periodo el exceso de gastos que no resultan imprescindibles y la falta de control de los recursos materiales y financieros, así como trabas innecesarias y el burocratismo, entre otros males que lastran nuestro desarrollo económico, cuya solución depende de nosotros.

No obstante haber transitado en este periodo por dificultades de diversa índole, la economía ha demostrado capacidad de resistencia, posibilitando preservar las conquistas sociales, sin renunciar a los objetivos de desarrollo previstos, así como al apoyo solidario a otros pueblos.



Cuba ha dado una lección magnífica de cómo la voluntad política, la vocación humanista de la Revolución, la gestión del Gobierno, las políticas públicas que toman como centro al ser humano, los diálogos entre los principales decisores y los científicos y la participación del pueblo pueden, con relativo éxito, enfrentar un complejo problema como el de la pandemia.

Un pequeño país sin recursos, asediado y cruelmente bloqueado ha logrado indicadores que presentan un mejor comportamiento que los de muchos países del mundo y de la región. Esta obra es sostenida por esa economía que criticamos para perfeccionarla y hacerla más eficiente, pero que aporta conquistas sociales inclusivas francamente relevantes.

El Partido ratifica que no nos conformamos con mantener las potenciales fuerzas con que cuenta el país a ras de la sobrevivencia. Por el contrario, aspiramos a resistir creativamente, sin renunciar a

nuestros proyectos de desarrollo, perfeccionándolos, actualizando sus conceptos, modernizando las formas de hacer y participar.

Debemos en el menor tiempo, con nuestros propios esfuerzos, reconociendo que el camino está en nosotros mismos, Isla adentro, con la menor dependencia externa posible, resolver el desafío de producir los alimentos que necesitamos, el mejor aprovechamiento y uso de las fuentes renovables de energía, la utilización sostenible y con calidad de las potencialidades turísticas, la eficiencia en el proceso inversionista, la orientación de la producción nacional a resolver las demandas del mercado interno, la elevación de la calidad de todos los servicios que se prestan a la población.

Hay conceptos básicos en cualquier tipo de Economía, que debemos entronizar definitivamente como el ahorro y la economía circular. Se impone también, desterrar la mentalidad importadora.

Para superar la crisis es preciso dinamizar el proceso de actualización del modelo económico y social y la implementación de la Estrategia y del Plan Nacional de Desarrollo Económico y Social hasta 2030, combinando flexiblemente la relación entre la necesaria planificación, la descentralización y la autonomía indispensable para el desarrollo territorial, con la participación de todos los actores económicos, incluyendo la empresa estatal, las micro, pequeñas y medianas empresas y las cooperativas.

O sea, resistiremos, creativamente, a través del análisis profundo y real de cada situación, convocando al conocimiento experto, propiciando la participación popular y la innovación. Por supuesto, sin renunciar a nuestros principios internacionalistas, de solidaridad y cooperación con la humanidad.

La Tarea Ordenamiento, no siempre bien comprendida, incluso por quienes tienen la responsabilidad de ejecutarla, demandará en lo inmediato mucho trabajo político, como el proceso de gran complejidad que es.

Se ha cuestionado bastante si era el momento para ponerla en práctica, en medio de los inesperados retos que nos impusieron la pandemia y el oportunista recrudecimiento del bloqueo. La respuesta es una sola: no podíamos seguir postergando esa transformación orientada a estimular el desarrollo y la participación articulada de todos los actores económicos.

Es honesto reconocer que el Ordenamiento presentó problemas de instrumentación, por insuficiente

preparación de algunos directivos e inadecuada interpretación de las normas, pero existen incomprendimientos derivadas del error de asociarlo a problemas que estaban presentes antes de su implementación. A ello se suman las insatisfacciones generadas por una argumentación no siempre oportuna y precisa y algunos reclamos inadmisibles, que se alejan de los principios de la Tarea.

Nuestra primera respuesta ha sido dar seguimiento y solución inmediata —siempre que sea posible— a los

planteamientos críticos de la población, propiciando un importante ejercicio de participación ciudadana, que no puede desconocerse, en los ajustes, correcciones y cambios implementados. Tarifas, precios y las medidas más recientes para favorecer y estimular la producción y comercialización de alimentos responden a esa estrategia.

Una vez más apelamos al necesario cambio de mentalidad que facilite estos propósitos. Ya es hora de pasar del llamado a la transformación.

Venceremos en la medida en que el horizonte de cuanto hagamos siempre sea la mayor felicidad posible de las cubanas y los cubanos, defendida desde las esencias de nuestro socialismo.

La situación actual y los propósitos derivados de nuestros debates definen un altísimo reto para los dirigentes cubanos. La sociedad y sus instituciones necesitan cuadros, con una profunda preparación ética y profesional, que se distingan por cualidades como la inquietud revolucionaria, la sensibilidad por los problemas del pueblo, la disposición para la entrega y la capacidad de enfrentar la adversidad con creatividad que inspire y motive la innovación.

En cualquier circunstancia, pero esencialmente en las más difíciles y retadoras, nuestros cuadros deben sobresalir por su dedicación a la tarea, su afán de superación, su modestia y la sensibilidad suficiente de ponerse en el lugar de los demás, anteponiendo el nosotros al yo. Tienen la responsabilidad de dialogar sinceramente, de corazón, y ser ágiles incorporando esas percepciones a la toma de decisiones.

El Congreso aprobó una estrategia

para la preparación de los cuadros que comprenderá el abordaje científico de su selección, formación y promoción, que tendrá en cuenta las etapas de tránsito por diferentes responsabilidades.

Compatriotas:

El bloqueo y la pandemia se han unido en el último año para poner en pausa nuestras proyecciones y sueños. Venimos braceando duramente contra las dificultades cotidianas y, aunque a veces podría parecer que no lograremos salir a flote, en medio de la incertidumbre de pronto nos asalta y nos deslumbra nuestra propia capacidad de resistencia y de creación.

Que un país bloqueado hasta límites perversos haya logrado sostener la vitalidad de sus principales servicios, atender a toda su población contagiada y sospechosa, habilitar en tiempo récord más de una veintena de laboratorios de biología molecular, diseñar y elaborar prototipos nacionales de ventiladores pulmonares y

kits de diagnóstico, y desarrollar cinco candidatos vacunales, planteándose producir dosis suficientes para inmunizar a toda la población y aportar a otras naciones, además de brindar una meritoria y reconocida colaboración médica a varios pueblos del orbe, es mucho más que una luz al final del túnel. Es la prueba de que estamos del lado correcto de la historia y de que la obra revolucionaria y socialista tiene tantas potencialidades y alcance, que ni el mayor imperio de todos los tiempos ha podido derribarla.

A esa proeza indiscutible, nuestro pueblo le ha puesto un nombre: ¡Fidel Castro Ruz! (Aplausos.)

El Comandante en Jefe, bajo el precepto martiano de que gobernar es prever, en días muy inciertos para Cuba, impulsó el desarrollo de la Biotecnología, la producción de fármacos y vacunas y la formación de médicos para la nación y el mundo. Él, que vio antes y vio más lejos, hasta donde puede la humanidad impulsar

sus sueños, es referencia continua, cuando ante los ojos asombrados de muchos Cuba emerge salvándose y contribuyendo a salvar al mundo de su peor pandemia en siglos.

Cuando mujeres y hombres de batas blancas, integrantes de una brigada Henry Reeve descienden por las escaleras de un avión, llevando al frente la Bandera de la Estrella Solitaria, y se disponen a salvar vidas sin poner precio a su trabajo, las mentiras y las infamias contra Cuba comienzan a disolverse como hielo en el agua caliente y nuestra verdad se multiplica con la acción salvadora.

Compatriotas de toda Cuba, militantes cotidianos de la Revolución:

Los miembros del Buró Político, del Secretariado y el Comité Central del Partido Comunista de Cuba elegidos hoy asumen el extraordinario compromiso de dar continuidad a la Revolución Cubana (Aplausos).

Después de varios años de trabajo y de entrega a las tareas del Partido, despedimos a varias compañeras y compañeros que en sus respectivas funciones son parte de todo lo que el país impulsó y conquistó bajo desafiantes condiciones en los últimos años. Todos llevan consigo el mejor de los reconocimientos: haber trabajado en las más altas instancias del Partido fundado y dirigido por Fidel, Raúl y otros compañeros de la histórica Generación del Centenario, como los Comandantes de la Revolución Ramiro Valdés y Guillermo García, quienes siguen dándonos todos los días lecciones de consagración y entrega a la obra común (Aplausos).

Al Comandante del Ejército Rebelde, José Ramón Machado Ventura (Aplausos), quien durante decenas de

años llevó sobre sus hombros las difíciles tareas de la organización, su funcionamiento y vida interna, el control de los recursos y la administración, nuestro permanente agradecimiento por su consagración y su ejemplo, por su disciplina y lealtad. Por las enseñanzas, el apoyo y la confianza en los que transitamos, paso a paso, desde las organizaciones estudiantiles y juveniles de base hasta las tareas de dirección. Su sencillez, su modestia y su compromiso nos acompañarán siempre como lecciones de vida (Aplausos).

En cuanto al General de Ejército, el Congreso de la Continuidad quiere dejar constancia de nuestra enorme deuda con un hombre que jamás podrá separarse del Partido del que es fundador.

Resumir sus aportes a la Revolución, como hice al inicio, no es solo un deber de compañeros. Es un modo de mostrarnos a nosotros mismos cuáles son las principales cualidades de un líder, de un auténtico revolucionario, inconforme siempre con la obra que dirige y atento a los latidos sociales, sensible a cuanto sirve o perjudica al pueblo. Intransigente y firme cuando se trata de enfrentar al adversario y defender la obra. Sincero y afectuoso cuando estimula, reconoce, premia, incluso cuando sanciona a un compañero de batallas.

La Continuidad se afirma en el ejemplo y entre las enseñanzas de los auténticos líderes que nos han precedido, resalta siempre el reconocimiento oportuno y sentido a quienes lo dan todo por el destino colectivo.

Compañero General de Ejército,

Ministro o sencillamente Raúl, como se le llama popularmente, en nombre de mis compañeras y compañeros y del pueblo cubano: ¡GRACIAS por el ejemplo, el empuje, la fuerza y la confianza! (Aplausos.) Gracias por estar y ayudarnos a creer en nosotros mismos.

Fue importante, muy importante, su apoyo y aliento durante estos años de aprendizaje y formación que nos permiten asumir hoy responsabilidades en las que Usted y Fidel hicieron historia. El desafío es tremendo, pero queda la tranquilidad de que la escuela está cerca, que ustedes están a nuestro lado (Aplausos).

Compañeras y compañeros:

Lo que sucede hoy nos coloca otra vez frente al hilo de la historia. Es 19 de abril, día de la victoria de Girón, aquella pelea primera contra los mercenarios del imperio que quisieron sorprender a la Revolución y fueron sorprendidos por ella. La declaración del carácter socialista de la Revolución en las vísperas de aquellos combates, el valor y el genio de Fidel brillando en la organización de la batalla para que durara menos de 72 horas y no alcanzaran a tomar una cabeza de playa y la imagen del líder sobre el tanque en marcha, siempre al frente de su tropa, han vuelto, con motivo de la fecha, para recordarnos quiénes somos, de dónde venimos y hacia dónde vamos (Aplausos).

El Partido Comunista de Cuba está indisolublemente unido a ese símbolo de resistencia y a la victoria que espera a los que pelean limpiamente por los derechos de sus pueblos y no reclaman más que un puesto en la vanguardia.

Nuestra generación entiende la responsabilidad que asume al aceptar este reto y declara ante la generación histórica su honra y orgullo por dar continuidad a la Revolución (Aplausos). Lo hacemos bajo el principio inmortalizado por Maceo: “...Quien intente apropiarse de Cuba, recogerá el polvo de su suelo anegado en sangre, si no perece en la lucha”.

Parafraseando a Camilo en sus conocidas palabras a Fidel al recibir el grado de Comandante del Ejército Rebelde en la Sierra Maestra, queremos decir a la generación histórica, a nuestros compañeros de militancia partidista y a nuestro amado pueblo: ¡Gracias por darnos la oportunidad de servir a esta dignísima causa por la cual estaremos siempre dispuestos a dar la vida (...) Más fácil nos será dejar de respirar que dejar de ser fiel a su confianza!

CUBA: UMA ILHA ECUMÊNICA

Escritorio de Cultura da Embaixada de Cuba en Brasil

Os mesmos que sabotam e atacam Cuba há 60 anos, com a ajuda de seus agentes, principalmente a mídia internacional, que não se cansa de falar que na Ilha não há liberdade religiosa e quem há perseguição há quem pratica alguma fé, não podem esconder os fatos que, comprovadamente, mostram o oposto.



As concepções religiosas possuem uma estrutura própria e independente em todos os níveis dentro do país, atuam desde as pequenas comunidades até a nível nacional, realizando de forma livre suas atividades e o trabalho confecional, com total respeito às suas crenças.

Há em Cuba 1850 organizações e agrupamentos que professam alguma fé ou religião, reúnem aproximadamente um milhão e meio de pessoas.

A Lei 54/1985, define as normas que orienta o órgão responsável do Ministério da Justiça, a Direção das Associações, no desempenho de suas atividades nas relações insitucionais entre o Estado e as organizações religiosas. Diferente da falsa propaganda dos agentes inimigos do povo cubano, somente nos últimos anos foram registadas mais de 500 novos grupos religiosos no país, tendo todos eles garantido o direito

de desenvolver plenamente seus cultos, atos e professar sua religião.

Estas organizações religiosas realizam um trabalho de evangelização, a prática da solidariedade aos mais necessitados, ações de apoio a família, atuação em defesa da paz e em diversas atividades sociais voltadas à responsabilidade cívica local, provincial e nacional.

Em Cuba está assegurada constitucionalmente a liberdade de culto, garantida pelo artigo 294, do Código Penal cubano, onde estão definidas as sanções e penas para quem praticar algum crime contra a liberdade do culto religioso. A Constituição nacional assegura a liberdade da prática de evangelização, definindo claramente os princípios que devem reger as relações entre os fieis e a prática religiosa.



Importante ressaltar, as instituições religiosas possuem certas garantias especiais no país, como as tarifas para importação, o direito à segurança social e a isenção ao pagamento de alguns impostos.

Por ser Cuba, um Estado laico, em nenhum momento há restrições para que os religiosos, independente da concepção professada, assumam alguma função dentro do Estado. Os religiosos estão presentes em várias instâncias dentro dos serviços públicos realizados pelo Estado. Em Cuba está garantido que todas as pessoas tem direitos iguais para ocupar algum posto dentro da estrutura oficial da Administração Pública, tudo previsto e garantido pela Constituição.

A PRÁTICA RELIGIOSA EM CUBA

Em todos os setores da sociedade cubana estão garantidas às liberdades da prática de culto.

As igrejas possuem programas de rádio, realizam suas atividades religiosas e divulgam seus credos livremente. A Igreja Católica, costumeriamente, trasmite suas homilias e missas , além de algumas intervenções de seus bispos e outros programas do Conselho de Igrejas em Cuba pelo rádio. Mesmo durante a pandemia da Covid-19 as atividades radiofônicas das igrejas permaneceram e tem ajudado nas orientações sanitárias definidas pelo Conselho que coordena o enfrentamento ao coronavirus no país.

Dentro do sistema penal as igrejas realizam continuamente o atendimento confessional aos detentos, tanto individual como coletivo, realizando ações de apoio eucarístico, orações, cultos e missas dentro das unidades prisionais a nível nacional. Todas as confissões tem seu espaço assegurado para catequizar seus adeptos.

Também merece ressaltar a relação que as igrejas de Cuba mantem a nível internacional, desenvolvendo um intercâmbio permanente com outras instituições confessionais da mesma ordem ou não, porém com intensa atividade de trocas de experiências e apoio mútuo junto aos seus fieis e seguidores para o desenvolvimento de suas ações. Frequentemente chegam a Cuba delegações religiosas estrangeiras, bem como as organizações religiosas cubanas realizam viagens ao exterior. Alguns religiosos cubanos tem, inclusive, responsabilidade, como dirigentes em organismos religiosos internacionais, como nos Conselhos de Igrejas Mundiais e Latino-Americanos, Ação Conjunta das Igrejas, Federação Universal dos Movimentos Cristãos, Aliança Batista, na Associação de Igrejas Presbiterianas da América Latina, na organização regional Batistas pela Paz, na Aliança Batista Mundial, na Conferência Episcopal Latino-Americana, e outras articulações para o estudo e a prática da fé espiritual existentes no mundo.

Como garantido pela legislação cubana, as instituições religiosas, igrejas, organizações e irmandades possuem a garantia da liberdade de

culto e independência para o exercício de suas ações, sem ter a necessidade de possuir qualquer vínculo com o Estado, com total autonomia e independência para desenvolver suas atividades, se estruturarem, definirem quem são seus dirigentes e atuarem dentro ou fora do país. Tudo sem receberem nenhum subsídio estatal, cabe as organizações religiosas desenvolverem formas de adquirir recursos para realizarem o trabalho em torno de suas crenças.

Importante destacar que as religiões possuem autonomia para a formação acadêmica de seus membros, incluindo a realização de mestrado, doutorado ou especializações em teologia. As instituições acadêmicas religiosas têm plena liberdade de cátedra para a definição de seus conteúdos, corpos docente e discente, com a realização de atividades em seus seminários ou em instituições fora ou dentro do país. Os católicos possuem vários seminários para a formação de seus párocos. Mesmo jovens cubanos se deslocam a outros países para concluir seus estudos em seminários e universidades confessionais.

Vários projetos sociais são desenvolvidos pelas organizações religiosas, os quais são executados em parceria e com o apoio do Estado. São ações na área da Saúde e Educação, voltadas para atender pessoas portadoras de deficiência e, inclusive, para a produção de alimentos, em terras cedidas para esses projetos de acordo com a

legislação agrária no país.

As igrejas também possuem suas publicações, que circulam pelo país levando as várias concepções confessionais. O Registro de Publicações, do Instituto Cubano do Livro, tem anotado mais de 30 veículos impressos que são produzidos e distribuídos pelos grupos das mais diversas religiões nas províncias e cidades cubanas. Há no país a Comissão Bíblica de Cuba, que recebe anualmente dezenas de milhares de exemplares para distribuição aos fieis.

Diante do bloqueio econômico imposto pelos Estados Unidos há seis décadas, Cuba enfrenta privações e dificuldades em diversas áreas atingindo diretamente a população cubana, prejudicando a economia nacional. Como não poderia ser diferente, as igrejas também sofrem as consequências deste crime que perpassa década contra a vida e a humanidade. O Papa João Paulo II, em sua visita a Cuba, em 1998, destacou as dificuldades enfrentadas pelas igrejas e o povo cubano devido esse prolongado crime, que segue impunemente.

As organizações religiosas internacionais têm feito inúmeras manifestações públicas contra o bloqueio, com notas dirigidas a diversos presidentes norte americanos, que sustentam e prosseguem com esse ato desumano. O Conselho Mundial de Igrejas, a Federação Universal do Movimento Estudantil Cristão, a Comunhão da Reforma Mundial, o Conselho Latino-Ameri-

cano de Igrejas, a Ação Conjunta das Igrejas (ACT-Alianza), o Serviço Mundial e Igrejas nos Estados Unidos, a Igreja Anglicana, os Discípulos de Cristo, a Igreja Metodista, Batista e Presbiteriana já se manifestaram pedindo o fim do bloqueio econômico imposto pelos EUA a Cuba. Todas as declarações

afirmaram o espírito da busca da paz e do respeito entre os povos, que precisam ser respeitados em sua soberania e autodeterminação, entretanto, a Casa Branca mantém essa agressão covarde contra o povo cubano, que tem se agravado neste período da pandemia.

Em março de 2020, o Conselho de Igrejas de Cuba divulgou uma declaração conjunta de todas as congregações, irmandades e confissões pedindo o fim do bloqueio, especialmente para que o governo cubano possa realizar o enfrentamento a pandemia da Covid-19. O Conselho Nacional de Igrejas de Cristo nos EUA tem, reiteradamente, condenado as agressões praticadas pelo governo norte-americano contra a população de Cuba.

A garantia que as igrejas possuem para professar a fé, desenvolverem seus estudos, possuir seus templos, formar seus discípulos e dirigentes é a prova de que Cuba, como um Estado laico, respeita a religião em suas variadas concepções, o que tem sido provado com a ajuda e o apoio que o governo cubano recebe das organizações religiosas para desenvolver ações sociais e em defesa da soberania da nação.

JERUSALÉM, CAPITAL ECUMÊNICA DA PALESTINA

*Sayid Marcos Tenório**

[Palestina] Terra das revelações divinas para humanidade, a Palestina é o país natal do povo árabe palestino. Ali ele cresceu se desenvolveu e se expandiu. Sua existência humana e nacional afirmou-se ali numa relação orgânica ininterrupta e inalterada entre o povo, sua terra e sua história.

Abertura da Declaração de Independência do Estado da Palestina com Jerusalém como Capital.¹



Estamos vivenciando o mês do Ramadã, que é um mês especial para a comunidade muçulmana em todo o mundo, porque foi nesse mês que teve início a revelação do Alcorão e no qual se pratica o jejum, um dos cinco pilares da fé islâmica. É também na última sexta-feira do Ramadã que se comemora o Dia Mundial de Al-Quds, que é o nome de Jerusalém em língua árabe.

Jerusalém é uma das cidades mais antigas do mundo e considerada sagrada pelas três religiões monoteístas: islamismo, cristianismo e judaísmo. O Dia Mundial de Al-Quds foi instituído por iniciativa do pelo líder máximo, político e espiritual da Revolução patriótica, popular e islâmica do Irã, o Ayatollah Khomeini, para demonstrar que a causa palestina é uma questão internacional, de soberania e de direitos humanos. Em 2021 a data será comemorada no dia 7 de maio. O dia de Al-Quds não

é um dia exclusivamente voltado para a causa palestina, mas sim o dia simbólico em que todo oprimido enfrenta seu opressor.

Durante sua longa existência, Jerusalém foi destruída pelo menos duas vezes, sitiada 23 vezes, atacada 52 vezes e capturada e recapturada outras 44 vezes. As diversas Resoluções das Nações Unidas e o Direito Internacional não reconhecem a soberania do Estado de Israel na ocupação de qualquer parte de Jerusalém. Ela continua a ser a capital histórica e milenar da Palestina. Seu status religioso, histórico e civilizacional é fundamental a árabes, muçulmanos e cristãos e ao mundo em geral. Os lugares sagrados para muçulmanos e cristãos pertencem exclusivamente ao povo palestino, por mais que os sionistas adulterem os livros didáticos para insistir na lenda de que são lugares sagrados ao judaísmo.

Jerusalém é parte integral da Palestina e seus vínculos são comprovadamente milenares. Judeus jamais dominaram Jerusalém por um tempo considerável. A insistência de Israel em tornar Jerusalém a “capital unificada” da ocupação sionista na Palestina viola o Direito Internacional e as diversas Resoluções da ONU. Como é possível que um punhado de colonizadores europeus, utilizando uma suposta razão religiosa, invada, saqueie, mate os verdadeiros donos da terra, utilizando como justificativa estar ungido pelo mandado divino?

A Palestina é parte de um contexto mundial que evoluiu a partir do surgimento do sionismo internacional, um movimento nacionalista judaico fundado na Europa no século XIX, que pregava o estabelecimento de um “lar nacional para os judeus”, que seria concretizado através da criação na terra Palestina de um Estado puramente judeu, não só em sua estrutura sociopolítica, mas também em composição étnica, de cuja estratégia faz parte o atual estágio de apartheid racista e limpeza étnica.

O projeto colonialista ganhou impulso quando a ONU promoveu a partilha da Palestina em 1947, por meio de um ato injusto e ilegal, porque as Nações Unidas não consultaram a população originária, e porque não tinham qualquer jurisdição ou poder sobre aquele território. A ONU, além de dar um aval internacional ao projeto colonial sionista - um movimento racista que surgiu oficialmente em 1897.

Palestina está arraigada no coração da Ummah (Nação) Islâmica e desfruta de um status especial. Dentro da Palestina existe Jerusalém, cujo preceito é abençoado por Deus. Palestina é a Terra Santa, na qual Deus abençoou a humanidade. É sua primeira Qiblah (direção para onde os muçulmanos dirigem suas orações) e o destino da jornada performada a noite pelo Profeta Muhammad e de onde ele subiu aos céus para encontrar o Criador.

Ela é o lugar de nascimento do Profeta Jesus Cristo. Seu solo contém os restos mortais de milhares de profetas, companheiros e lutadores por justiça. Ela é a terra do povo que está determinado a defender a verdade – dentro de Jerusalém e suas redondezas –

que não é desterrado ou se intimida por aqueles que se opõem a ele e por aqueles que os traem, e ele continuará sua missão até que a promessa de Deus se cumpra.

Em virtude deste caminho justamente equilibrado e espírito moderado, o Islam oferece um caminho compreensivo de vida e a fim de que ele sirva para propósito o tempo todo e em todos os lugares. O Islam é uma religião de paz e tolerância. Ele oferece garantia para os seguidores de outros credos e religiões, que possam praticar suas crenças em segurança. Para o Islam, a Palestina tem sido e será sempre um modelo de coexistência, tolerância e inovação civilizacional.

A mensagem do Islam carrega os valores da verdade, justiça, liberdade e dignidade e proíbe todas as formas de injustiça e incrimina opressores independentemente de sua religião, raça, gênero ou nacionalidade. O Islam é contra todas as formas de extremismo e intolerância religiosa, étnica ou sectária. É uma religião que incute em seus seguidores o valor de se levantar contra agressão e de apoiar o oprimido; ele motiva-os a dar generosamente e fazer sacrifícios em defesa de sua dignidade, sua terra, seu povo e seus lugares sagrados, sentido de lutas que se resumem na palavra jihad.

A Palestina é o território que se estende do Rio Jordão, no Oriente, ao Mediterrâneo, no Ocidente; e de Ras Al-Naquurah, no Norte; a Umm Al-Rashrash, no Sul, compondo uma unidade territorial integral. Esta é a terra e o lar do povo palestino. A expulsão e o banimento do povo palestino de sua terra e o estabelecimento da entidade sionista em seu

lugar não anula o direito do povo palestino sobre sua inteira terra e não assegura nenhum direito nela pela usurpadora entidade sionista. A Palestina é uma terra árabe islâmica. Ela é uma Terra Sagrada e abençoada que tem lugar especial no coração de todo árabe e de todo muçulmano.

Os muçulmanos, palestinos ou não palestinos, rejeitam o viés religioso ou sectário da luta contra a ocupação, condena qualquer forma de perseguição a qualquer ser humano ou a negação dos seus direitos. O problema judaico, o antissemitismo e a perseguição de judeus é um fenômeno fundamentalmente ligado à história europeia, não à história dos árabes e muçulmanos onde quer que estejam. O movimento sionista, que foi capaz de ocupar a Palestina com apoio das potências do Ocidente, é a maior ameaça de ocupação por assentamentos que já desapareceu de grande parte do mundo e precisa desaparecer da Palestina.



O lobby a favor de Israel em todo o mundo é muito poderoso. Compra a lealdade de políticos, governos e bancadas nas casas legislativas de vários países, além do apoio de bancadas no Congresso Nacional, que assumem o papel de porta-vozes dos interesses de Israel. O lobby sionista instrumentaliza igrejas evangélicas e põem-nas para trabalhar em seu favor, baseados na lenda de que o estabelecimento do Estado de Israel em 1948 está de acordo com a profecia bíblica do retorno dos judeus à Terra Prometida. Esquecem esses sionistas cristãos pentecostais e neopentecostais que as tribos de Israel mencionadas no Velho Testamento não guardam nenhuma relação com os judeus sionistas

que ocuparam a Palestina. Governos e políticos que não se curvam aos seus interesses são intimidados e ameaçados.

Apesar de todo esse aparato, movido ao custo de muitos milhões de dólares e promessas de negócios e vantagens, a vida dos ocupantes não tem sido fácil. A imagem do regime sionista na opinião pública mundial encontra-se pior a cada dia. E isso se deve, em grande medida, ao Movimento de Boicote, Desinvestimento e Sanções – o BDS – contra as empresas e negócios dos ocupantes e aos esforços da resistência palestina em todo o mundo.

Se foi possível derrotar o apartheid racista na África do Sul, por que não poderá ser possível na Palestina? É dever de todas as pessoas que amam a justiça e os legítimos direitos apoiar a Intifada e a Resistência Palestina, onde quer que estejam, em qualquer parte do mundo. A libertação da Palestina é a causa mais urgente da humanidade.

Para um povo que luta há tantos séculos contra ocupações, não importa quanto tempo a ocupação permaneça em sua terra. Apesar de todo o aparato militar e apoio estadunidense que possuem os ocupantes, eles serão derrotados porque os palestinos estão com a justiça. O direito a terra e ao retorno são direitos inalienáveis e os palestinos são persistentes em alcançar o inalienável direito de retornar e de estabelecer o seu Estado independente.

O que resta fazer diante do desejo avassalador de um povo que não quer nada mais do que o respeito aos seus legítimos direitos?

O que os palestinos esperam é que seus direitos sejam assegurados em concordância com a democracia, o Direito Internacional e a Justiça. Que seja respeitado o direito de regresso dos refugiados, a compensação e a

permanência de todos na terra palestina. Os palestinos sabem que as conquistas virão pelo exercício da legítima e permanente resistência à ocupação, inclusive pelas armas, em total concordância com o Direito Internacional e as diversas Resoluções das Nações Unidas e Convenções internacionais.

Quando se visita Israel e a Palestina Ocupada e se convive com a estrutura de apartheid e do controle excessivo da vida dos palestinos por parte das forças militares israelenses e se observa as colônias judaicas, condomínios bem estruturados no território ocupado ilegalmente, é possível entender o quanto a solução de dois estados é uma solução cada dia mais difícil.

Uma das melhores definições de para onde caminha a situação de

impasse e onde essa torrente irá desaguar foi dada pelo escritor Ilan Pappé, um israelense odiado pelos sionistas. Ele escreveu que o único regime razoável parece ser um estado democrático e laico para os habitantes da Palestina. Se não se encontrar uma solução como esta, a tormenta nas fronteiras de Israel se acumulará com uma força ainda maior do que teve até agora.

Por todos os lados no mundo árabe, os povos e os movimentos de resistência estão buscando formas de mudar os regimes arcaicos e as realidades políticas opressivas. “Certamente isto chegará também ao Estado de Israel; se não hoje, amanhã. Os israelenses podem ocupar o melhor camarote no Titanic, mas o navio continua afundando, de qualquer maneira”³.



Ilustração que demonstra o avanço da ocupação colonial sionista no território da Palestina Histórica, que se agravou desde a partilha da Palestina em dois estados (1947), a expansão da ocupação a partir da Guerra (agressão) dos Seis Dias (1967) e atualmente.

Ao fim e ao cabo, me vem uma questão: por que os palestinos teriam que reconhecer o Estado de Israel no território da Palestina Histórica, sem fronteiras definidas e em permanente expansão e aceitar pequenas ilhas de terra como se fosse um mini-Estado pulverizado e cercado pelo ocupante?

O argumento de muitos “companheiros de esquerda” de que a autodeterminação dos “dois” deve ser respeitada, a meu ver, serve, na verdade, para mascarar uma anistia para os crimes dos sionistas e do Estado de Israel contra palestinos ao longo de um século. Aceitar um mini-Estado pobre e desarmado, com duas partes sem ligação

territorial (Cisjordânia e Gaza) ao lado de um Israel rico e nuclear, só serviria para desmoralizar a memória dos lutadores palestinos, frustrar as esperanças das novas gerações e justificar a política e a narrativa de Israel para expandir seu projeto sionista de dominação mundial.

***Sayid Marcos Tenório é historiador, Vice-Presidente do Instituto Brasil-Palestina (IBRASPAL) e autor do livro Palestina: do mito da terra prometida à terra da resistência (Anita Garibaldi-Ibraspal, 2019).**

¹A Declaração de Independência do Estado da Palestina com Jerusalém como Capital, foi escrita pelo poeta palestino Mahmoud Darwish e proclamada em Argel, Argélia, por Yasser Arafat, líder da OLP, em 15 de novembro de 1988.

²Intifada é uma palavra árabe que significa literalmente “revolta” e designa o movimento de insurgência popular contra a ocupação israelense e teve origem nos levantes de 1987.

³PAPPÉ, Ilan. A solução de dois Estados morreu faz uma década. Viva Palestina, 2013. Disponível em: <http://vivapalestina.com.br/661/>.

MARIGHELLA, PRESENTE!

*Marcos Fabrício Lopes da Silva**

Numa época em que o capital ficou mais importante do que o homem, os economistas tornaram-se os mais poderosos profissionais. Há os que governam nações inteiras sem terem recebido um único voto. É o poder de quem, supostamente, foi adestrado para fazer dinheiro do dinheiro, e ter lucros astronômicos sem produzir. Viabilidade econômica é a expressão, ou o conceito, que mais se infiltrou nas demais atividades humanas. E não por acaso. Hoje em dia, em tudo que se fala, sobre qualquer tema, há sempre uma voz que indaga: e isso tem viabilidade econômica? Cada vez mais, a ideia de viabilidade econômica é a primeira avaliação a que são submetidos todos os projetos. Seja criação de porco, gado ou galinha, plantação de arroz, feijão ou milho, fabricação de pão, cueca ou sapato, construção de moradias, túneis e pontes etc. – são atividades econômicas que se adaptam ao jogo pesado do mercado.

Mas a produção destinada ao espírito sucumbe à

viabilidade econômica? A igreja ou o templo são economicamente viáveis? Os museus são economicamente viáveis? Escolas e universidades são economicamente viáveis? A paixão, o amor, a alegria, a esperança são viáveis economicamente? E a vida, será que a vida... bem, será que o homem economicamente viável? O que faremos com os indígenas que não são economicamente viáveis nem têm noção do que seja acumulação? É mesmo indispensável a morte de alguns para salvar os mais aptos, mais viáveis economicamente? E as artes, são viáveis? A produção de filmes, peças de teatro, romances, poemas, quadros, músicas, atividades religiosas, filosóficas etc. precisam pagar por seus custos. Mas será que rendem lucro? Se não rende lucro, não é economicamente viável, não é assim? Não é esse o imperativo categórico? – que Kant (1724-1804) me perdoe de usar seu princípio e rogar seu nome num raciocínio nada kantiano. Não é essa a determinação do deus mercado?

E, assim, toda a produção artística ficará economicamente viável. Teremos, então, religiões de baixo custo, museus que dão lucro, orquestras sinfônicas que distribuem dividendos e peças de teatro com balanços de cair o queixo. Sobre a qualidade de tal produção cultural, é melhor calar. Os artistas que se deixam levar por essa lógica podem até fazer sucesso, mas dificilmente se reconhecerão no que fazem. É como se arrancassem as próprias vísceras e jogassem aos mercados. O mesmo economista, que não frequenta teatros nem concertos, não lê nem ouve essas tolices, tampouco conhece o processo de produção artística. O que sabe é que a matemática é uma só e que dois adicionado a dois somam, inabalavelmente, quatro. E ensina: com este mercado acanhado, os artistas e os pensadores devem ser os mais atentos à observação da indefectível viabilidade econômica.

Só vale dinheiro aquilo que rende dinheiro. Atenção, antes de lançar seu poema no mercado, é prudente pedir a um economista que faça uma pesquisa de mercado, uma avaliação de compatibilidade e adequação do produto, digo poema, ao mercado. É claro que a arte, a fé e o pensamento são economicamente inviáveis. Quando criar porco não é viável, criar poema é suicídio. Contudo, “há um quadro de [Paul] Klee que se chama *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca

dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos de progresso” – sentenciou o filósofo alemão, Walter Benjamin (1892-1940), em *Teses sobre o conceito de história* (1940).

Nicola Abbagnano (1901-1990), em *Dicionário de Filosofia* (1963), apresenta a visão iluminista, segundo a qual o uso da razão deveria guiar o progresso humano: “possibilidade de melhoria do ponto de vista do saber e dos modos de vida do homem”. No entanto, o filósofo italiano relembra o desenvolvimento tecnológico que potencializou a letalidade das guerras e o surgimento de movimentos, partidos e governos políticos pautados em crenças pseudocientíficas, tais como a existência de “raças” superiores e inferiores. “Um indivíduo do gênero masculino, cor branca, residente em área urbana da

região Centro-Oeste, Sul ou Sudeste, com renda per capita acima de R\$ 1 mil, é muito menos vulnerável do que um indivíduo do gênero feminino, cor negra ou parda, mãe de família vivendo em área rural ou nas regiões Norte e Nordeste”, concluiu a professora de sociologia na Universidade Livre de Berlim, Renata Motta (*Correio Braziliense*, de 14/04/2021).

Segundo estudo elaborado pela instituição alemã, em parceria com a Universidade de Brasília (UnB) e a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mais da metade da população brasileira não tem acesso garantido à comida. Insegurança alimentar atinge seis em cada 10 domicílios brasileiros. São 125 milhões de brasileiros à beira da fome. Não foi à toa que Abbagnano apontou para as duas guerras mundiais como exemplos de um progresso que se desenvolveu como barbárie. Para Walter Benjamin, que cometeu suicídio durante a Segunda Guerra Mundial, a história testemunha catástrofes produzidas pela humanidade em nome do desenvolvimento considerado eficiente e eficaz. Foi assim que o capitalismo global se apoderou por completo dos destinos da tecnologia, libertando-a de amarras metafísicas e orientando-a única e exclusivamente para a criação de valor econômico.

As consequências dessa autonomização da técnica com

relação a valores éticos e normais sociais foram, dentre outras, o aumento da concentração de renda e da exclusão social, o perigo de destruição do hábitat humano por contaminação e de manipulação genética ameaçando o patrimônio comum da humanidade. A ciência passou a condicionar seu saber ao desenvolvimento do processo produtivo, e as vanguardas perderam sua capacidade de escandalizar e se transformaram em establishment. Confiante desde jovem na morte de todo o status quo, de todos os falsos princípios dominantes que fizeram vingar o capitalismo predatório, o político, escritor e guerrilheiro comunista brasileiro, Carlos Marighella (1911-1969), já mostrou o valor dos seus poderosos e sábios argumentos, ao responder em versos ao ponto sorteado “Catóptrica, leis de reflexão e sua demonstração, construções de imagens e equações catóptricas”, referente à cadeira de Física do 5º. Ano, no Ginásio da Bahia, aos 23 de agosto de 1929:

“

Ginásio da Bahia aos 23/De 29 deste oitavo mês.

./Doutor, a sério falo, me permita,/Em versos rabiscar a prova escrita./Espelho é a superfície que produz,/Quando polida, a reflexão da luz./Há nos espelhos a considerar/Dois casos, quando a imagem se formar./Caso primeiro: um ponto é que se tem;/Ao segundo um objeto é que convém./Seja a figura abaixo que se vê,/O espelho seja a linha beta cê./O ponto P um ponto dado seja,/Como raio incidente R2 se veja./O raio refletido vem depois/E o raio luminoso ao ponto 2./Foi traçada em seguida uma normal,/O ângulo I de incidência a R igual./Olhando em direção de R segundo,/A imagem vê-se nítida no fundo,/No prolongado, luminoso raio,/Que o refletido encontra de soslaio./Dois triângulos então no espelho faz,/Retângulos os dois, ambos iguais./Iguais porque um cateto têm comum,/Dois ângulos iguais formando um./Iguais também, porque seus complementos/Iguais serão, conforme uns argumentos./Quanto a graus, A + I possui noventa, B + J outros tantos apresenta./Por vértices opostos R e J/São iguais assim como R e I./Mostrado e demonstrado o que é mister,/I é igual a J como se quer./Os triângulos iguais viram-se acima,/L2, P2, iguais, isto se exprima./[imagem de um ponto]/Atrás do espelho plano então se forma/A imagem, que é simétrica por norma./[imagem de um objeto geométrico]/Simétrica, direita e virtual,/E da mesma grandeza por final./Melhor explicação ou mais segura/Encontra-se debaixo na figura./...”

”

Mário Magalhães, autor de Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo (2012), assim descreve o revolucionário baiano: “Carlos Marighella era mesmo tido como valente, favorecido pelo tamanho, que intimidava — embora não fosse brigão, de partir para o tapa. Aos 27, registraram sua altura em 1,78 metro, um porte de respeito para o homem brasileiro da época. Acadêmico da Escola Politécnica, Marighella tornou-se conhecido em Salvador pela assiduidade nas manifestações contra o palácio da Aclamação e pelos poemas que compunha desde o ginásio. Iniciara-se nas rodas de capoeira soteropolitanas, onde mestre Pastinha o encantava. Mas não se contavam entreveros em que tivesse saído no braço — ou nas pernas de capoeirista. As exceções eram as prisões, e as histórias sobre sua valentia falavam de gestos na cadeia. É possível que o cabelo, cortado com uma bossa ainda nova, reforçasse as tintas do seu cartaz: diante do espelho, navalhava as laterais da cabeça e deixava de pé uma faixa longitudinal que se prolongava até a nuca. O penacho sugeria um índio pronto para a guerra. Ao conhecê-lo, o jornalista Paulo Francis lembrou-se do último dos moicanos”.

Ao compor a canção *Um comunista* (Abraço, 2012) e cantá-la com profunda emoção, Caetano Veloso prestou comovente homenagem a Marighella:

“Um mulato baiano/Muito alto e mulato/Filho de um italiano/E de uma preta haussá/Foi aprendendo a ler/Olhando mundo à volta/E prestando atenção/No que não estava a vista/Assim nasce um comunista/Um mulato baiano/Que morreu em São Paulo/Baleado por homens do poder militar/Nas feições que ganhou em solo americano/A dita guerra fria/Roma, França e Bahia/Os comunistas guardavam sonhos/Os comunistas! Os comunistas!/O mulato baiano, mini e manual/Do guerrilheiro urbano que foi preso por Vargas/Depois por Magalhães/Por fim, pelos milicos/Sempre foi perseguido nas minúcias das pistas/Como são os comunistas?/Não que os seus inimigos/Estivessem lutando/Contra as nações terror/Que o comunismo urdia/Mas por vãos interesses/De poder e dinheiro/Quase sempre por menos/Quase nunca por mais/Os comunistas guardavam sonhos/Os comunistas! Os comunistas!/O baiano morreu/Eu estava no exílio/E mandei um



recado/‘Eu que tinha morrido’/E que ele estava vivo/Mas ninguém entendia/Vida sem utopia/Não entendo que exista/Assim fala um comunista/Porém, a raça humana/Segue trágica, sempre/Indecodificável/Tédio, horror, maravilha/Ó, mulato baiano/Samba o reverencia/Muito embora não creia/Em violência e guerrilha/Tédio, horror e maravilha/Calçadões encardidos/Multidões apodrecem/Há um abismo entre homens/E homens, o horror/Quem e como fará/Com que a terra se acenda?/E desate seus nós/Discussão-se Clara/Iemanjá, Maria, Iara/Iansã, Catijacara/O mulato baiano já não obedecia/As ordens de interesse que vinham de Moscou/Era luta romântica/Era luz e era treva/Feita de maravilha, de tédio e de horror/Os comunistas guardavam sonhos/Os comunistas! Os comunistas!”.

Nas trincheiras de luta, Rosa Luxemburgo (1871-1919), militante comunista e feminista polonesa, em seu importante livro, *Reforma ou Revolução?* (1899), já demarcava que, na luta de classes como motor da História, estavam os reformistas, fiéis ao conservadorismo, que se encontravam do lado dos burgueses e da desigualdade, enquanto os revolucionários, adeptos da ruptura, tinham o compromisso com o proletariado e a igualdade. Como revolucionário autêntico, Carlos Marighella também bebeu do quilombismo na luta contra a opressão dirigida ao povo brasileiro pelos donos do capital e dos meios de produção – em sua grande maioria, representantes da ordem senhorial-escravocrata.

Em 1946, Marighella foi eleito Deputado Federal pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB-BA). Teve seu mandato parlamentar cassado em 1948, pelo então presidente da República, Eurico Gaspar Dutra (1883-1974). Filho de Augusto Marighella, operário e imigrante italiano, e Maria Rita do Nascimento, negra e filha de escravizados, o líder da Ação Libertadora Nacional (ALN), a mais conhecida resistência armada contra a ditadura, foi morto a

tiros pelos agentes da Operação Bandeirante, comandados pelo delegado Sérgio Paranhos Fleury (1933-1979), do Dops (Departamento Estadual de Ordem Política e Social). “Para os revolucionários brasileiros não há outra perspectiva a não ser prepararem-se para a luta”, já dizia Marighella, dedicando-se, de corpo e alma, à “frente única antiditadura” a fim de concretizarmos a verdadeira democracia popular no Brasil e no mundo.

***Marcos Fabrício Lopes da Silva, professor nas Faculdades Promove de Sete Lagoas (2005-2009), Fortium (2013) e JK (2013-2020). Jornalista, formado pelo UniCEUB. Poeta. Doutor e mestre em Estudos Literários pela UFMG.**

PCV E PSUV EM DISPUTA PELOS RUMOS DA REVOLUÇÃO, GOLPEANDO JUNTOS OS ATAQUES DO IMPERIALISMO

*Ana Carolina e João Alvim**

As eleições legislativas de 2020 representaram no contexto venezuelano uma nova etapa da luta de classes e dos desafios da revolução bolivariana. Mesmo com a pandemia e o criminoso bloqueio imperialista à nação, percebeu-se uma significativa derrota das forças pró imperialistas organizadas no país. A direita, organizada entorno da figura do impostor Juan Guaidó, em uma inflexão golpista, optou por não participar das eleições oficiais e puxar um processo eleitoral paralelo. A decisão os levou a uma derrota histórica: não conseguiram sequer uma cadeira na nova conformação do parlamento (sendo o até então presidente da casa o



próprio Juan Guaidó) e as disputas paralelas não movimentaram o contingente populacional esperado pelos impostores. O ano de 2021 começa com o fim do mandato fictício de Guaidó e o seu abandono político por diversos atores internacionais, dentre eles a União Europeia. O personagem ainda

é defendido como legítimo representante do governo venezuelano pelos Estados Unidos e seus satélites mais próximos, como Israel e o Brasil sob a gestão do fascista Bolsonaro, mas isso representa apenas uma pequena fração do apoio internacional um dia dado para ala pró imperialista.

No entanto a derrota da direita golpista não significa uma absoluta vitória da revolução. A economia do país, já prejudicada pelo criminoso bloqueio ianque, sofreu ainda mais com a radicalização da crise gerada pela pandemia. O processo revolucionário estagnou-se em diversos aspectos, tanto econômicos quanto sociais, levando à cisão do PCV (Partido Comunista da Venezuela) e outras forças de esquerda, com o bloco governista encabeçado pelo PSUV de Maduro. Desta divergência surge a APR (Alternativa Popular Revolucionária) que é representada no parlamento pela figura de Oscár Figueira, secretário geral do PCV. Percebe-se uma disputa pelos novos rumos da revolução bolivariana em andamento, uma vez que o imperialismo anda razoavelmente enfraquecido dentro do território venezuelano. No entanto, não se pode desprezar a enorme pressão feita tanto por parte das sanções ianques quanto do atual braço

armado do imperialismo na América do Sul, representado pelos Estados do Brasil e da Colômbia, ambos que, por diversas vezes, declararam em alto e bom tom as intenções de guerra e intervenções militares.

Desde a conformação da APR, dissidência à esquerda do campo bolivariano encarnada pelo PCV, Tupamaro, Luta de Classes, Esquerda Unida e por tendências do Pátria para Todos, desponta no país pela primeira vez em duas décadas a reivindicação pela reorientação do processo revolucionário bolivariano frente à atual condução econômica do PSUV. Com efeito, as divergências programáticas no campo bolivariano se tornaram ainda mais evidentes a partir da recente aprovação da Ley Antibloqueo, principal estratégia do governo para reverter o quadro de deterioração econômica agravado pelo recrudescimento das sanções.

Conforme sublinha Luis Salas, sociólogo pela UCV e ex-ministro da Economia Produtiva, o forte caráter de abertura econômica desta lei em detrimento do intervencionismo estatal como atrativo à captação de investimentos estrangeiros implica em concessões significativas ao grande capital, sobretudo quando prevê o rebaixamento do pagamento de royalties e tributos junto à exploração petrolífera.

Ainda na acepção de Salas, a despeito das acusações de divisionismo (um tanto quanto infundadas, haja vista a pequena relevância política do PCV), as propostas apontadas pela APR não apresentam um caráter radical de confrontação aos efeitos da condição dependente petroleiro-rentista, senão o retorno de políticas econômicas como as anteriormente ensejadas por Chávez, relacionadas à recuperação salarial, ao controle do nível geral de preços que detivesse o quadro hiperinflacionário, além da retomada de investimentos produtivos que mitigasse a necessidade de importações e reaquescesse o mercado doméstico. Tendo angariado 6,79% dos votos válidos, o PCV elege seu secretário geral Oscar Figuera como a única representação da APR no parlamento venezuelano em meio a denúncias de esvaziamento da campanha parte por setores do governo. Não há

consenso se as tensões entre PCV e PSUV sugeririam em algum nível uma ruptura significativa, embora sobressaia o estremecimento do apoio crítico conferido pelo partido comunista ao governo de Nicolás Maduro nos marcos dos acordos mínimos deliberados nas presidenciais em 2018, desde um pretense giro programático do governo a partir de 2016. Resta avaliar se o então pragmatismo econômico incorporado pelas alianças estratégicas com o setor privado, nacional e transnacional, resulta ser conjuntural ou permanente. Para além de manifestações precipitadas que sugiram o convencimento ideológico do governo venezuelano, o que se evidencia é a reacomodação das forças dispostas no PSUV e o retraimento de iniciativas mais incisivas por parte de Maduro frente ao avanço interno da ala conservadora do partido. Não nos parece possível assumir a complexidade da presente

conjuntura, sequer a correta leitura de sua atual condução econômica, distante de uma análise pormenorizada da correlação de forças no interior do governo de Nicolás Maduro.

Em que pese o contexto pandêmico, a não-obrigatoriedade do voto na Venezuela e a tendência à abstenção no contexto de eleições parlamentárias, e apesar dos esforços do governo bolivariano em assegurar um alto nível de participação popular naquele pleito, a baixa participação (31%) dos cerca de 20 milhões de venezuelanos aptos a votar parece sugerir uma debilidade mútua no cenário político nacional. A agenda conspiratória oposicionista tem sido sistematicamente rechaçada pela população e, muito embora o evidente favoritismo do PSUV na conquista da maioria absoluta das cadeiras (67%) assegure ao governo o controle sob o poder legislativo, sua deficiência em contornar a

crise reverbera junto aos sacrifícios impostos pela ofensiva econômica como um visível esgotamento por parte do povo venezuelano. Mesmo assim, a convivência entre as duas modalidades democráticas na Venezuela, a representativa e protagônica, instrumento orgânico de sustentação da proposta transicional inaugurada por Chávez quando do anúncio da construção do Socialismo do Século XXI, segue sendo central para a elaboração de soluções revolucionárias às contradições do projeto bolivariano. Parece-nos revelador que este resultado eleitoral apareça como inegável reflexo da extensa capacidade de mobilização popular de que dispõe o PSUV, algo que a correspondência entre o predomínio do partido em municípios nos quais prepondera a democracia comunal parece comprovar.

Neste momento de crise mundial, não devemos deixar vitórias pontuais nos ofuscarem a visão.

A vitória do democrata Joe Biden nas eleições presidenciais estadunidenses não representa o fim da política imperialista trumpista na América latina e sim a sua continuidade, como historicamente os governos democratas o fazem. As sanções econômicas e estado de crise humanitária decorrente da disseminação da variante brasileira da COVID pelo país representam desafios significativos para a revolução bolivariana. A nova conformação do parlamento, o bloco patriótico do PSUV e a APR do PCV devem analisar a situação conjuntural com cautela e ciência. A máxima leninista neste cenário permanece atual. Marchar separados na disputa pelos rumos da revolução, porém sempre golpear juntos contra os ataques do imperialismo.

nossa parte, endossando a complexidade e a absoluta legitimidade deste episódio, esperamos que a nova Assembléia Nacional se converta em um instrumento político decisivo às demandas da classe trabalhadora venezuelana, em resistência ao assédio econômico transnacional e orientada à repolarização do programa econômico e radicalização da revolução bolivariana.

Ana Carolina Gomes - mestranda pelo Departamento de Estudos Latinoamericanos da UnB e militante do CAL.

João Alvim – estudante da UnB, militante do PCB e do CAL.



SOLIDARIEDADE AOS MANIFESTANTES COLOMBIANOS E NÃO À VIOLAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS

Desde o último dia 28 de abril a população colombiana está nas ruas contra os crimes do narcogoverno de Iván Duque. Os sindicatos e movimentos populares chamaram uma greve geral contra o pacote de reformas tributárias neoliberais impostas pelo governo. Nestes dias, a violência policial já cometeu 31 assassinatos de manifestantes, e há o registro de 1443 casos de abuso policial e 77 de uso de armas de fogo.

Não podemos esquecer que Duque não reconheceu o acordo de paz assinado entre as FARC e o governo, celebrado em 1 de dezembro de 2016, após a mediação do governo de Cuba, que colocou fim a mais de 50 anos de combates, que deixou um saldo de mais de 200 mil mortos. A grande maioria assassinada pelos paramilitares, os mesmos que continuaram com os “falsos positivos”, que assassinou mais de 10 mil civis. Uribe e Duque, serviçais do imperialismo, grandes interessados no narcotráfico, apoiados pelos EUA,

continuaram com seus crimes e impunes.

Os governos da Colômbia, em sua longa história como serviçais do imperialismo ianque, têm atuado como um agente provocador na região, ao lado do governo miliciano fascista de Bolsonaro, atacando a Revolução Bolivariana e perseguindo os militantes da esquerda e populares em seu território, os quais tem sofrido sistematicamente a violação dos direitos humanos, prisões e assassinatos de lideranças. Com a greve geral a violência se abateu de forma dura e massiva, com a truculência e repressão da policial fascista de Duque.

Como sempre, a resistência heroica, combativa e a disposição de luta do povo colombiano mais uma vez está nas ruas, nas trincheiras, no enfrentamento direto, seguindo os ensinamentos e os exemplos de Camilo Torres e Marulanda, com a firmeza do povo mobilizado.

Diante da violência assassina do governo de Iván Duque, da omissão da OEA, da ONU e o silêncio da imprensa, o Comitê Anti-imperialista general Abreu e Lima manifesta sua solidariedade ao povo colombiano, afirmando sua admiração pela coragem e combatividade na defesa de seus direitos e da sua dignidade.

Brasília, 4 de maio de 2021.

Comitê Anti-imperialista general Abreu e Lima



A VACINA E A GANÂNCIA CAPITALISTA

Luiz Falcão*

“

A humanidade começa nos que te rodeiam, e não exatamente em ti.

(Valter Hugo Mãe. A desumanização)

”

O vírus SARS-CoV-2 contaminou cerca de 130 milhões de pessoas e matou mais de três milhões de seres humanos. Somente nos Estados Unidos da América (EUA), principal e mais rico país capitalista do planeta, 570 mil pessoas perderam suas vidas devido à Covid-19. O Brasil é o segundo em número de mortes com 400 mil óbitos.

Celebrado pela burguesia como a época do desenvolvimento tecnológico, da 4ª revolução industrial, da internet das coisas e do 5G, vemos, em pleno século XXI, um vírus obrigar governos a fechar fronteiras, indústrias, comércio, escolas, proibir viagens dentro do país e decretar lockdowns (bloqueios) e diversos toque de recolher.

Para justificar a inépcia, os governos burgueses dizem que a Covid-19 surpreendeu a todos. Porém, com a segunda onda causando mais mortes no mundo e uma terceira onda e novas mutações no vírus se alastrando por dezenas de países, esta falácia foi desmascarada.

Na realidade, o vírus da Covid-19 está longe de ser algo inexplicável. Há anos que cientistas e organizações internacionais alertam que as condições impostas pelo capitalismo à natureza e ao ser humano, além do aquecimento global e da piora as condições de vida, provocam o aparecimento de vírus que ameaçam a própria vida humana. Porém, a classe dominante, preocupada em aumentar as suas riquezas, fingiu nada saber.

Registre-se que em 30 de outubro de 2020, a Plataforma Intergovernamental sobre Biodiversidade e Serviços Ecossistêmicos (IPBES), entidade vinculada à Organização das Nações Unidas (ONU) publicou um trabalho intitulado A Era das Pandemias, no qual afirmou:

“Não há grande mistério sobre a causa da pandemia da Covid-19 – ou de qualquer pandemia moderna”. “As mesmas atividades humanas que impulsionam a mudança climática e a perda de biodiversidade também impulsionam o risco pandêmico por meio de seus impactos sobre nosso meio ambiente. As mudanças na forma como usamos a terra; a expansão e intensificação da agricultura; e o comércio, produção e consumo insustentáveis perturbam a natureza e aumentam o contato entre a vida selvagem, a pecuária, os agentes patogênicos e as pessoas. Este é o caminho para as pandemias”.

O trabalho destaca também que 70% das doenças emergentes no mundo, como Ebola e Zika, e quase todas as pandemias (influenza, HIV/Aids, Covid-19) são zoonoses, ou seja, causadas por micróbios que infectavam originalmente animais. E o surgimento dessas doenças entre as pessoas está acelerando – eles calculam cinco novas por ano. Os pesquisadores estimam que possam existir cerca de 1,7 milhão de vírus hoje desconhecidos tendo como hospedeiros mamíferos, em especial os morcegos – como ocorreu com a própria covid-19 –, ou aves. “Destes, entre 540 mil e 850 mil poderiam ter a capacidade de fazer o salto das espécies e contaminar humanos.” (ESTADÃO, 30/10/2020).

Os autores do estudo esclarecem que não se deve culpar a natureza, mas “entender que o surgimento das doenças só ocorre porque estamos impactando o ambiente onde os micróbios estão quietos. O desmatamento, a expansão agrícola, o tráfico de animais nos aproxima deles.”.

O relatório conclui que dar respostas a doenças após seu surgimento, em particular a rápida concepção e distribuição de novas vacinas e abordagens terapêuticas, “é um caminho lento e incerto, além de não evitar o sofrimento humano generalizado”.

Por sua vez, a diretora de Organização Mundial de Saúde (OMS), Dra. Maria Neira, em entrevista ao jornal EL PAÍS, explicou: “Ao derrubar a floresta para substituí-la por agricultura intensiva e poluente, os animais que vivem nesses lugares nos quais o homem não havia entrado sofrem profundas transformações. Aparecem espécies com as que não estávamos em contato e que podem transmitir doenças. O cultivo, com adubos e pesticidas que nunca tinham entrado nesse ecossistema, altera o tipo de vetores capazes de transmitir os vírus. O desmatamento é uma forma de derrubar essa barreira ambiental entre espécies, que nos

protege de forma natural. Um exemplo claro desse fenômeno é o vírus do Ebola, que saltou dos morcegos frutívoros das florestas da África Ocidental para os humanos e desatou o contágio. O grave é que aconteceu o mesmo com a Aids e a Sars (Síndrome respiratória aguda grave). Cerca de 70% dos últimos surtos epidêmicos que sofremos têm sua origem no desmatamento e nessa ruptura violenta com os ecossistemas e suas espécies.” (EL PAÍS, 06/02/2021).

Eis a realidade: entre 540 mil e 850 mil vírus ainda não conhecidos podem contaminar humanos e novas pandemias podem ocorrer. Não se trata de algo longínquo: no dia 20 de fevereiro, a Rússia informou à Organização Mundial da Saúde (OMS), os primeiros casos de contaminação em humanos de uma nova cepa do vírus da gripe aviária, chamada de H5N8, depois que um surto de gripe atingiu o local de trabalho, em dezembro do ano passado. (G1,20/02/2021)

Vacina: bem comum ou privado?

Com a tragédia anunciada causando mortes em todos os continentes, a classe dominante passou a prometer a “salvação” por meio da vacina, a imunização das pessoas e a destruição do vírus. Voltaríamos, assim, à “velha paz” e ao “velho normal”.

Engrossando o coro dos governos, não faltaram especialistas para afirmar que nunca uma vacina foi desenvolvida com tanta rapidez. Tentava-se, dessa maneira, esconder o caráter obsoleto e ultrapassado do regime capitalista, apresentando-o como um sistema perfeito e eficiente.

Ao ver as primeiras pessoas sendo vacinadas, a população mundial se encheu de esperança e de alegria e acreditou que a pandemia da Covid-19 estava realmente perto do fim.

A verdade, infelizmente, é outra. Os laboratórios farmacêuticos são, em sua imensa maioria, empresas privadas que pertencem a pequenos grupos de capitalistas e têm como objetivo propiciar lucros aos seus donos (acionistas). A consequência desse modelo é uma injusta e desigual distribuição da vacina no mundo.

Com efeito, os países mais ricos do mundo, embora sejam apenas 16% da população mundial, compraram mais de 70% das doses que serão produzidas este ano. Os Estados Unidos compraram vacinas para 230% da população e nos próximos meses receberão mais um total de 1,8 bilhão de doses. Lembremos que a população dos Estados Unidos é de 330 milhões. O Canadá comprou seis vezes mais vacinas que população do país, e o Reino Unido anunciou que vacinará até julho toda a população adulta.

Enquanto isso, no dia 18 de fevereiro, a Organização das Nações Unidas (ONU) alertou que somente 10 nações (as mais ricas) administraram 75% de todas as doses da vacina e 130 países ainda não receberam nenhuma vacina. De acordo com a OMS, essa realidade vai perdurar: 90% da população de 70 países praticamente não têm possibilidade nenhuma de serem vacinadas em 2021. Pior: estudo da revista científica BMJ, divulgado em novembro de 2020, apontou que dois bilhões de pes-

soas, um quinto da população mundial, não serão vacinadas antes de 2022

Nem mesmo as palavras do diretor geral da Organização mundial da Saúde (OMS), Tedros Adhanom Ghebreyesus, de que “o mundo está diante de um fracasso moral catastrófico e que o preço deste fracasso se pagará com vidas dos países mais pobres” foram suficientes para sensibilizar a burguesia mundial e seus governos a mudarem esse quadro. Nada está acima da sacrossanta propriedade privada e da busca incessante para enriquecer uma minoria de ricos. Em resumo, a egoísta ideologia burguesa revela toda a sua perversidade ao impedir bilhões de seres humanos de serem vacinados por não terem dinheiro para comprá-la.

Detalhe: a prefeitura da cidade de Seul, capital da Coreia do Sul, informou que todos os seus cães e gatos da cidade com febre ou problema respiratório serão testados para Covid-19. (UOL, 09/02/2021)





Lucro a qualquer custo

Assim, logo após a decretação da pandemia da Covid-19 no início de 2020, uma dezena de poderosos laboratórios da indústria farmacêutica iniciaram uma gigantesca operação comercial para faturarem bilhões com a venda das suas ações. Ao mesmo tempo, isoladamente, cada laboratório desenvolvia pesquisas e guardava a sete chaves suas descobertas sobre o vírus. A humanidade foi privada de importantes informações e os cientistas envolvidos nas pesquisas proibidos de darem entrevistas pelas chamadas cláusulas de confidencialidade dos contratos que assinaram. Após onze meses, a vacina foi anunciada, período em que morreram mais de dois milhões de pessoas.

Algumas perguntas, entretanto, são necessárias: se todos os cientistas estivessem trabalhando coletivamente, em equipe, compartilhando os estudos e as descobertas, quanto tempo se teria levado para produzir a vacina?

Se os dois laboratórios da China, um do Reino Unido, três dos Estados Unidos, dois da Rússia, etc, em vez de esconderem dos seus concorrentes as experiências e pesquisas, as compartilhassem em prol da humanidade, não teria a vacina mais eficácia?

O que aconteceria se os cientistas trabalhassem unidos, dividindo o conhecimento e formando um grande centro mundial com o objetivo de salvar vidas?

Não é evidente que, desse modo, teríamos a vacina mais rapidamente e com eficácia maior, o que permitiria salvar milhares de vidas?

É claro que uma vacina resultante desse trabalho coletivo não poderia ser uma propriedade privada, seria um bem comum colocado à disposição de todos os povos, de toda a população, vivesse ele na África, na Europa, na América ou na Ásia.

Além do mais, das 13 vacinas produzidas, nenhuma delas tem proteção para todas as cepas e linhagens do SARS-Cov-2 e o vírus da Covid-19 sofreu várias mutações.¹

Vejamos dois exemplos:

No dia 7 de fevereiro, o Ministério da Saúde da África do Sul, após verificar que a vacina da Astra-Zeneca não protegia da variante do coronavírus existente no país, decidiu suspender a vacinação.

Na cidade de Osnabrück, Alemanha, 14 idosos que receberam duas doses da vacina produzida pela Pfizer-BioNTech, testaram positivo para a variante B117 do coronavírus, descoberta pela primeira vez no Reino Unido. Com base nestes e em outros casos, os cientistas concluíram que a maioria das vacinas consegue impedir que o vírus cause quadros graves da doença, mas não impede que a pessoa seja infectada ou mesmo transmita o vírus. Vale ainda lembrar que nenhuma vacina do mundo garante proteção total. Pois, enquanto o vírus estiver circulando e sofrendo mutações há a possibilidade de doença até entre as pessoas imunizadas. Aliás, muitos acreditam que devido a insuficiente vacinação e as novas variantes do coronavírus mais transmissíveis e mais agressivas, a chamada imunidade de rebanho não será alcançada antes de 2022.

Apesar de tudo isso, a indústria farmacêutica capitalista, contando com a cumplicidade dos governos, se recusa a compartilhar os estudos sobre a vacina, impedindo a sociedade de ter um melhor e mais eficiente imunizante. Aliás, apresentam essa anarquia proveniente da concorrência capitalista como uma alavanca do progresso, quando na verdade, é um entrave ao desenvolvimento e causa mortes inteiramente evitáveis.



Laboratórios privados e o lucro com as doenças

Prova de que nenhum sentimento humanista ou de progresso da ciência moveu os proprietários da indústria farmacêutica mundial foi a orgia nas bolsas de valores desde o início da pandemia. De fato, a cada aumento do número de mortes, os acionistas dos laboratórios comemoravam a valorização das ações. Stephane Bancel, um dos donos do laboratório Moderna, dos EUA, explicou este idolatrado “espírito animal”: “Quando preparei meu plano de venda das ações ainda não tínhamos injetado a

vacina em ninguém. Não sabia de nada” (Neofeed, 25/05/2020)

Em 20 de novembro de 2020, o site Investnews, após o número de mortos ultrapassar um milhão e trezentos mil, e antes da produção de qualquer vacina, estampou uma manchete eufórica: “Farmacêuticas de vacinas já ganharam 97 bilhões na bolsa”

Em fevereiro, após mais de dois milhões de pessoas mortas no mundo, a excitação continuou:



Ganho bilionário: farmacêuticas chegam a valorizar mais de 1.000% no mercado de ações”. “As empresas farmacêuticas que se dedicaram às pesquisas de vacinas contra a Covid-19 tiveram ganhos bilionários no mercado de ações

(JB, 15/02/2021)



Ganhos de farmacêuticas com a Covid-19

1. **Novavax: alta de 1.558%, a US\$ 8,1 bilhões**
2. **Moderna: alta de 585%, a US\$ 49,4 bilhões**
3. **BioNTech: alta de 223%, a US\$ 24,3 bilhões**
4. **Regeneron Pharmaceuticals: alta de 32,4%, a US\$ 56,9 bilhões**
5. **Johnson&Johnson: alta de 11,5%, a US\$ 428 bilhões**
6. **AstraZeneca: alta de 6,7%, a US\$ 133 bilhões**
7. **Pfizer: alta de 5,9%, a US\$ 204 bilhões**
8. **Sanofi: alta de 3%, a US\$ 126 bilhões**

(Fonte: NYSE, EUA. G1,21/01/2021)



A chinesa Sinovac, com sede em Pequim, mas com registro no paraíso fiscal de Antígua e Barbudo, vendeu por R\$ 2,6 bilhões – 15% das suas ações – à Sino Biopharmaceutical Limiteds.

Dinheiro público financia laboratórios privados

Vale salientar que além de faturarem alto com a valorização bilionária das suas ações nas bolsas, os poderosos laboratórios da indústria farmacêutica receberam bilhões de dinheiro público para as pesquisas sobre a covid-19.

Relatório publicado pela Fundação KENUP, organização europeia que acompanha as pesquisas em Saúde, revelou que em 11 meses de pesquisa sobre a SARS-Cov-2, os governos investiram 93 bilhões de dólares nos laboratórios privados. 32% desse dinheiro foi do governo dos EUA, 24% dos governos da França, Reino Unido e Alemanha, e 13% do Japão e da Coreia do Sul.² (BBC, 16/12/2020)

Logo, o “maior propulsor” para acelerar os investimentos dos laboratórios foi o financiamento público, o que deita por terra a lenda, de que sem a iniciativa privada não teria sido descoberta a vacina.

Tem mais: embora tenham financiado os laboratórios privados, os governos dos países imperialistas, provando a imensa subordinação à classe capitalista, assinaram contratos com cláusulas secretas que os impedem de ter conhecimento dos estudos, de divulgarem o preço pago por cada dose de vacina ou exigir a entrega nas datas estabelecidas, além de isentarem os laboratórios por qualquer efeito adverso das vacinas. Vale salientar que a proposta defendida pela Índia na Organização Mundial do Comércio (OMC) de, diante da calamidade mundial, revogar a patente da vacina da Covid-19, foi imediatamente rejeitada e repudiada pelos governos imperialistas. Trata-se de mais uma prova de que os atuais governos agem e atuam como verdadeiros servos do capital; em troca recebem bons salários e propina para seus partidos nas campanhas eleitorais.

O preço da vida humana no capitalismo

Na realidade, as vacinas, como de resto os medicamentos produzidos pelos laboratórios para as doenças causadas pela própria sociedade capitalista, tornaram a indústria farmacêutica um empreendimento altamente lucrativo.

De fato, o crescimento do desemprego, o aumento da exploração dos trabalhadores, a elevação da jornada de trabalho, a falta de lazer, o sofrimento imposto aos que não conseguem um emprego e que não veem perspectiva de melhoria da vida de suas famílias, elevam o número de doenças no mundo. A Covid-19 é, assim, mais uma que se soma a essa longa lista de enfermidades que acomete o ser humano na moderna sociedade capitalista. O chamado mercado da gripe, por exemplo, embora já exista vacina há

décadas, movimenta vários bilhões de dólares por ano. Ou seja, os medicamentos, bem como as vacinas permitem imensos lucros à indústria farmacêutica e aos bilionários que têm ações dessas empresas. Dito de outro modo, enquanto que para 99% da população mundial, as doenças e os vírus são um tormento e significam a destruição de famílias inteiras e um imenso sofrimento, para a classe capitalista toda essa dor é apenas uma excelente oportunidade para ganhar dinheiro e enriquecer.

Tal é a lei do capitalismo: quem tem dinheiro tem direito a vacina, quem não tem espera a morte chegar por fome, pelo vírus da Covid-19 ou outra doença qualquer. Afinal, quantos já morreram por não terem sido vacinados?

O que interessa aos senhores do mundo, aos poderosos, à classe dos exploradores, é aumentar mais e mais riquezas, saquear nações e explorar trabalhadores e trabalhadoras.

Vê-se assim, que “Aquele capitalismo de ‘rosto humano’ de que se tanto se falou em décadas atrás, não passa de uma máscara hipócrita.” (José Saramago, *Cadernos de Lanzarote*)

Deter a carnificina capitalista

Tal realidade impõe a qualquer pessoa preocupada com a sobrevivência da humanidade, se perguntar sobre o que fazer para, em vez de sepultar seres humanos, destruir esse arcaico e apodrecido sistema capitalista. Afinal, não são apenas vírus, bactérias e doenças que o imperialismo capitalista impõe aos povos do mundo.

Com efeito, a globalização capitalista, em vez de melhorar a vida dos trabalhadores, aumentou o desemprego, a miséria, e propagou centenas de vírus numa escala planetária. De acordo com a OIT (Organização Internacional do Trabalho), 255 milhões de postos de trabalho foram fechados durante a pandemia e 436 milhões de empresas tiveram seu funcionamento afetado. Em todo o mundo, 75% dos trabalhadores e trabalhadoras não têm acesso a proteções como auxílio-doença ou seguro-desemprego. Um total de dois bilhões de trabalhadores atuam na chamada economia informal sem salário fixo, proteção social ou qualquer direito. Desse total, 740 milhões são mulheres que durante o primeiro mês da pandemia, viram sua renda despencar 60%.

Entre os milhões de trabalhadores desempregados, estão os refugiados das guerras imperialistas e da fome, que vivem em condições miseráveis nos campos de concentração da Europa e dos Estados Unidos, separados de suas famílias e sob um rígido racionamento de comida, água, e privados de visitas e uso de telefones.

Entretanto, além do desemprego, há também a epidemia da fome.

De acordo com a Feeding America, maior organização de combate à fome dos EUA, com 200 bancos de alimentos em todo o país, 54 milhões de pessoas, entre adultos e crianças, um em cada seis habitantes não tem o que comer. Na cidade mais rica do mundo e capital econômica dos EUA, Nova York, um milhão e meio de habitantes, todos os dias, formam filas gigantescas em busca de alimentos para sobreviver.

No mundo, pelo menos 736 milhões de pessoas estão em situação de pobreza extrema, informa o relatório Visão Humanitária Global, e por dia morrem de fome entre 6 e 12 mil pessoas, enquanto trilhões de dólares estão aplicados em papéis, ações, derivativos, títulos públicos ou criptomoedas. Eis a realidade: centenas de milhões de seres humanos não têm dinheiro para comprar alimentos quanto mais para gastar com máscaras ou álcool gel.

Na China não foi diferente: a fortuna conjunta dos bilionários chineses aumentaram mais de 40% de abril de 2019 até julho de 2020. No total, os cidadãos mais ricos deste país, alcançaram uma riqueza de US\$ 1,7 trilhão.

Este é o retrato do sistema capitalista: de um lado, superprodução de carros e de smartphones, de outro, bilhões de pessoas sem moradia, água, esgoto, comida, e, agora, também sem vacina. Ademais, como mostram as constantes exhibições de poderio militar e os investimentos na indústria bélica, a crescente rivalidade entre os países imperialistas, particularmente, entre os EUA e a China, torna real a possibilidade de uma nova guerra mundial.

Os fatos demonstram com clareza: a existência do ser

humano, a sobrevivência da humanidade, depende da mudança do atual sistema capitalista, do fim da dominação burguesa e da vergonhosa exploração do homem pelo homem. No capitalismo mesmo quando ocorre algum progresso, como a vacina, ele se realiza à custa de milhões de mortes e beneficia somente a classe rica. Este é o dilema em que a humanidade se encontra: ou vive para alimentar uma minoria de vampiros capitalistas, de assassinos da vida e do planeta, ou se revolta e se organiza para construir uma nova sociedade, verdadeiramente justa.



Todos os trabalhadores e trabalhadoras do mundo sofrem na pele essa opressão e exploração capitalista. Não sabem, entretanto, qual é a origem desses males e se é possível acabar com essa dor e miséria. Por isso, para obtermos a libertação, as novas e velhas gerações necessitam empreender com mais energia a agitação revolucionária em todo o mundo visando desenvolver rapidamente nas massas, a consciência da necessidade da revolução socialista. Como disse Lênin, é uma tarefa que tem enormes dificuldades, mas cada minuto dedicado a esse trabalho será recompensado “cravando o último prego no caixão da sociedade capitalista”.

¹ As variantes do coronavírus consideradas mais transmissíveis são: a variante do Reino Unido (B.11.7), a variante brasileira, originada no Amazonas, (P1) e a variante da África do Sul (501y.V2)

² Johnson & Johnson, líder do mercado mundial de produtos de higiene e limpeza, e uma das maiores companhias do mundo, recebeu 100% de financiamento público para produzir sua vacina. O Laboratório anglo-sueco Astra-Zeneca, líder na venda de medicamentos para cânceres, de oncologia, recebeu 80%, além da colaboração da universidade de Oxford. A Pfizer, uma das 500 maiores empresas globais, associou-se ao laboratório alemão BionTech, e ainda recebeu 65% de dinheiro público. (BBC, 16/12/2020)



ELEIÇÕES NO PERU: UMA VITÓRIA PARA O POVO

*Alfredo Alencastro**

Já com o resultado e com seu desfecho firmado, pelo Escritório Nacional de Processos Eleitorais (TSE do Peru), os votos apurados, dão conta e confirmam a vitória, no primeiro turno, com 19,09% dos votos, do professor rural Pedro Castillo, que concorreu pelo Partido Peru Libre, de extrema esquerda. A segunda colocada, a candidata Keiko Fujimori, do Partido Fuerza Popular, que ficou com apenas 13,33% dos votos, filha e herdeira política do pai, o ex-presidente Alberto Fujimori, que ainda se encontra preso por condenações por corrupção dentre outros crimes.

Aliado a tudo isso, os outros candidatos derrotados e insatisfeitos no pleito e com todo o processo: Rafael López Aliaga, obteve 11,67%; seguido por: Hermano de Soto 11,65% e Yohy Lescano, 9,10%, estão promovendo várias manifestações, nas ruas, país a fora alegando que houve fraudes nas eleições, e exigem, do ENPE, novas eleições justas e limpas. O país está num verdadeiro caos, pois todos querem alcançar o Poder a qualquer preço, mesmo que para isso, o leve a uma possível guerra civil.

O ENPE afirma que as eleições, no Peru, transcorreram com a maior lisura e que não têm como reverter o resultado homologado pelas urnas, no qual os cidadãos peruanos, expressaram o seu desejo incontestado no primeiro turno e que os resultados mostram a vontade do Povo.

Como que um desconhecido, professor rural, de nome, Pedro Castillo Torrones, de 51 anos, que nasceu na província andina, de Cajamarca, uma das regiões mais pobres do Peru, o terceiro filho, na escala de nove irmãos e que se tornou professor primário, em 1995, ele que esteve sempre na política regional pelo Partido Peru Possível, quando, em 2017, liderou a maior greve de professores e se tornou conhecido, pois paralisou o país e as aulas, durante 75 dias, e que mobilizou a grande maioria das escolas

por melhores salários e condições de avaliação a todos os docentes do país. De lá para cá, não parou mais, e sua militância no Peru, pelos seus pares o que lhe rendeu o notório conhecimento de seu nome.

Suas plataformas políticas se encaixam tanto na extrema esquerda, quanto na extrema direita pois defende um estado forte e deseja trazer os ideais venezuelanos, como a nacionalização do petróleo, aonde promete estatizar o gás, da Camisea, o mais importante projeto energético do Peru. Refuta a quem apoia e requeixa do dilema de que a estatização é ruim. Diz sempre, que irá trazer o que tem de bom nas administrações da Bolívia e no Equador e quer aumentar o orçamento público na saúde e educação, para 10% PIB, que é sua área de atuação, e que hoje se não passa do patamar de 4% do PIB. Por outro, lado não concorda com o casamento de pessoas do mesmo sexo, rejeita a inclusão da igualdade de gênero no currículo escolar, é contra a eutanásia e também se coloca contra o aborto. Essas bandeiras, que são da extrema direita peruana faz gosto pelos temas, em suas campanhas. Os perdedores acham difíceis que suas propostas de campanha de serem alcançados durante sua gestão.

Além disso, se conseguir vencer as eleições, quer revogar a Constituição de 1993, promulgada durante o Governo fascista de Alberto Fujimori e ainda ameaça fechar o Congresso Nacional Peruano se não conseguir via os diálogos entre as partes – Governo Eleito e o Congresso Nacional Peruano – com isso está levando o pânico as elites peruanas, que em sua maioria, sempre abominaram quaisquer manifestações das esquerdas.

Outra acusação, das elites, é que vêm nele, o primeiro colocado nas urnas, um envolvimento estreito com os componentes do grupo Sendero Luminoso e com o chavismo.

Há a possibilidade concreta da vitória eleitoral de Pedro Castillo na eleição, o que representará uma importante conquista para o povo peruano contra as oligarquias servisais do imperialismo no país.

Alfredo Alencastro – jornalista e militante da UP – DF.

**V. I. Lénine**

SOBRE AS TAREFAS DO PROLETARIADO NA PRESENTE REVOLUÇÃO [N13]

Tendo chegado a Petrogrado só no dia 3 de Abril à noite, é natural que apenas em meu nome e com as reservas devidas à minha insuficiente preparação tenha podido apresentar na assembleia de 4 de Abril um relatório sobre as tarefas do proletariado revolucionário.

A única coisa que podia fazer para me facilitar o trabalho a mim próprio — e aos contraditores *de boa-fé* — era preparar teses escritas. Li-as e entreguei o texto ao camarada Tseretéli. Li-as muito devagar e *por duas vezes*: primeiro na assembleia dos bolcheviques e depois na de bolcheviques e menchevíques.

Publico estas minhas teses pessoais acompanhadas unicamente de brevíssimas notas explicativas, que no relatório foram desenvolvidas com muito maior amplitude.

TESES DE ABRIL

1. Na nossa atitude perante a guerra, que por parte da Rússia continua a ser indiscutivelmente uma guerra imperialista, de rapina, também sob o novo governo de Lvov e C.a, em virtude do carácter capitalista deste governo, é intolerável a menor concessão ao «defensismo revolucionário».

O proletariado consciente só pode dar o seu assentimento a uma guerra revolucionária que justifique verdadeiramente o defensismo revolucionário nas seguintes condições:

- a) passagem do poder para as mãos do proletariado e dos sectores pobres do campesinato que a ele aderem;
- b) renúncia de facto, e não em palavras, a todas as anexações;
- c) ruptura completa de facto com todos os interesses do capital.

Dada a indubitável boa-fé de grandes sectores de representantes de massas do defensismo revolucionário, que admitem a guerra só como uma necessidade e não para fins de conquista, e dado o seu engano pela burguesia, é preciso esclarecê-los sobre o seu erro de modo particularmente minucioso, perseverante, paciente, explicar-lhes a ligação indissolú-

vel do capital com a guerra imperialista e demonstrar-lhes que sem derrubar o capital é impossível pôr fim à guerra com uma paz verdadeiramente democrática e não imposta pela violência.

Organização da mais ampla propaganda deste ponto de vista no exército em operações.

sua *segunda* etapa, que deve colocar o poder nas mãos do proletariado e das camadas pobres do campesinato.

Esta transição caracteriza-se, por um lado, pelo máximo de legalidade (a Rússia é agora o país mais livre do mundo entre todos os países beligerantes); por outro lado, pela ausência de violência contra as massas e, finalmente, pelas relações de confiança inconsciente destas com o governo dos capitalistas, os piores inimigos da paz e do socialismo.

Esta peculiaridade exige de nós habilidade para nos adaptarmos às condições especiais do trabalho do partido entre as amplas massas do proletariado numa amplitude sem precedentes que acabam de despertar para a vida política.

3. Nenhum apoio ao Governo Provisório, explicar a completa falsidade de todas as suas promessas, sobretudo a da renúncia às anexações. Desmascaramento, em vez da «exigência» inadmissível e semeadora de ilusões de que este governo, governo de capitalistas, deixe de ser imperialista.

4. Reconhecer o facto de que, na maior parte dos Sovietes de deputados operários, o nosso partido está em minoria, e, de momento, numa minoria reduzida, diante do bloco de todos os elementos oportunistas pequeno-burgueses, sujeitos à influência da burguesia

e que levam a sua influência para o seio do proletariado, desde os socialistas-populares[N14] e os socialistas-revolucionários[N15] até ao CO[N16] (Tchkheídze, Tseretéli, etc), Steklov, etc.

Explicar às massas que os SDO(1*) são a única forma possível de governo revolucionário e que, por isso, enquanto este governo se deixar influenciar pela burguesia, a nossa tarefa só pode consistir em explicar os erros da sua táctica de modo paciente, sistemático, tenaz, e adaptado especialmente às necessidades práticas das massas.

Enquanto estivermos em minoria, desenvolveremos um trabalho de crítica e esclarecimento dos erros, defendendo ao mesmo tempo a necessidade de que todo o poder de Estado passe para os Sovietes de deputados operários, a fim de que, sobre a base da experiência, as massas se libertem dos seus erros.

5. Não uma república parlamentar — regressar dos SDO a ela seria um passo atrás, mas uma república dos Sovietes de deputados operários, assalariados agrícolas e camponeses em todo o país, desde baixo até acima.

Supressão da polícia, do exército e do funcionalismo(2*).

A remuneração de todos os funcionários, todos eles elegíveis e exoneráveis em qualquer momento, não deverá exceder o salário médio de um bom operário.

6. No programa agrário, transferir o centro de gravidade para os Sovietes de deputados assalariados agrícolas.

Confiscação de todas as terras dos latifundiários.

Nacionalização de todas as terras do país, dispondo da terra os Sovietes locais de deputados assalariados agrícolas e camponeses. Criação de Sovietes de deputados dos camponeses pobres. Fazer de cada grande herdade (com uma dimensão de umas 100 a 300 deciatinas, segundo as condições locais e outras e segundo a determinação das instituições locais) uma exploração-modelo sob o controlo dos deputados assalariados agrícolas e por conta da colectividade.

7. Fusão imediata de todos os bancos do país num banco nacional único e introdução do controlo por parte dos SDO.

8. Não «introdução» do socialismo como nossa tarefa imediata, mas apenas passar imediatamente ao controlo da produção social e da distribuição dos produtos por parte dos SDO.

9. Tarefas do partido:

a) congresso imediato do partido;

b) modificação do programa do partido, principalmente:

1. sobre o imperialismo e a guerra imperialista,
2. sobre a posição perante o Estado e a nossa reivindicação de um « Estado-Comuna »(3*),
3. emenda do programa mínimo, já antiquado;

c) mudança de denominação do partido(4*).

10. Renovação da Internacional.

Iniciativa de constituir uma Internacional revolucionária, uma Internacional contra os *sociais-chauvinistas* e contra o «centro»(5*).

Para que o leitor compreenda por que tive de sublinhar de maneira especial, como rara excepção, o «caso» de contraditores de boa-fé, convido-o a comparar estas teses com a seguinte objecção do Sr. Goldenberg: Lénine «hasteou a bandeira da guerra civil no seio da democracia revolucionária» (citado no *Edinstvo*[N18] do Sr. Plekhánov, n.º 5).

Uma pérola, não é verdade?

Escrevo, leio e mastigo: «Dada a indubitável boa-fé de grandes sectores de representantes de massas do defensismo revolucionário ... dado o seu engano pela burguesia, é preciso esclarecê-los sobre o seu erro de modo particularmente minucioso, paciente e perseverante ...

E esses senhores da burguesia, que se dizem sociais-democratas, que não pertencem nem aos grandes sectores nem aos representantes de massas do defensismo, apresentam de rosto sereno as minhas opiniões, expõem-nas assim: «hasteou (!) a bandeira (!) da guerra civil» (sobre a qual não há uma palavra nas teses, não há uma palavra no relatório!) «no seio (!!) da democracia revolucionária...».

Que significa isto? Em que se distingue de uma agitação de pogromistas? da Rússkaia Vólia[19]?

Escrevo, leio e mastigo: «Os Sovietes de DO são a única forma possível de governo revolucionário e, por isso, a nossa tarefa só pode consistir em explicar os erros da sua táctica de modo paciente, sistemático, tenaz, e adaptado especialmente às necessidades práticas das massas...»

Mas contraditores de uma certa espécie expõem as minhas opiniões como um apelo à «guerra civil no seio da democracia revolucionária»!!

Ataquei o Governo Provisório por não marcar um prazo próximo, nem nenhum prazo em geral, para a convocação da Assembleia Constituinte e se limitar a promessas. Demonstrei que sem os Sovietes de deputados operários e soldados não está garantida a convocação da Assembleia Constituinte, o seu êxito é impossível.

E atribuem-me a opinião de que sou contrário à convocação imediata da Assembleia Constituinte!!!

Qualificaria tudo isto de expressões «delirantes» se dezenas de anos de luta política não me tivessem ensinado a considerar a boa-fé dos contraditores como uma rara excepção.

No seu jornal, o Sr. Plekhánov qualificou o meu discurso de «delirante». Muito bem, Sr. Plekhánov! Mas veja quão desajeitado, inábil e pouco perspicaz é você na sua polémica. Se durante duas horas pronunciei um discurso delirante, como é que centenas de ouvintes aguentaram esse «delírio»? Mais ainda. Para que dedica o seu jornal toda uma coluna a relatar um «delírio»? Isso não pega, não pega mesmo nada.

É muito mais fácil, naturalmente, gritar, insultar e vociferar que tentar expor, explicar e recordar *como* raciocinaram Marx e Engels em 1871, 1872 e 1875 sobre a experiência da Comuna de Paris[N20] e sobre qual o Estado de que o proletariado necessita.

Provavelmente o ex-marxista Sr. Plekhánov não deseja recordar o marxismo.

Citei as palavras de Rosa Luxemburg, que em 4 de Agosto de 1914 chamou à social-democracia alemã «cadáver malcheiroso». E os Srs. Plekhánov, Goldenberg e C.a sentem-se «ofendidos»... por quem? Pelos chauvinistas alemães, qualificados de chauvinistas!

Enredaram-se os pobres sociais-chauvinistas russos, socialistas nas palavras e chauvinistas de facto.

Notas de rodapé:

(1*) Sovietes de deputados operários. (N. Ed.) (retornar ao texto)

(2*) Isto é, substituição do exército permanente pelo armamento geral do povo. (retornar ao texto)

(3*) Isto é, de um Estado cujo protótipo foi dado pela Comuna de Paris[N17]. (retornar ao texto)

(4*) Em lugar de «social-democracia», cujos chefes oficiais traíram o socialismo no mundo inteiro, passando para o lado da burguesia (os «defensistas» e os vacilantes «kautskianos»), devemos denominar-nos Partido Comunista. (retornar ao texto)

(5*) Na social-democracia internacional chama-se «centro» a tendência que vacila entre os chauvinistas (= «defensistas») e os internacionalistas, isto é, Kautsky e C.a na Alemanha. Longuet e C.a na França, Tchkeídze e C" na Rússia, Turati e C.a na Itália, MacDonald e C.a na Inglaterra, etc. (retornar ao texto)

Notas de fim de tomo:

[N13] O artigo Sobre as Tarefas do Proletariado na Presente Revolução, publicado em 7 de Abril de 1917 no jornal Pravda, n.O26, com a assinatura de N. Lénine, contém as famosas Teses de Abril de V.I. Lénine, aparentemente escritas durante a viagem de comboio, nas vésperas da sua chegada a Petrogrado.

Lénine leu as suas teses em duas reuniões do dia 14 (17) de Abril: na reunião de bolcheviques e na reunião conjunta de bolcheviques e mencheviques delegados à Assembleia de Toda a Rússia dos Sovietes de deputados operários e soldados, efectuada no Palácio de Táurida. Lénine desenvolveu e concretizou pormenorizadamente as Teses de Abril no trabalho As Tarefas do Proletariado na Nossa Revolução (Projecto de Plataforma do Partido Proletário), escrito em 10 (23) de Abril de 1917. Ver o presente tomo, pp. 21-48.) (retornar ao texto)

[N14] Socialistas-populares: membros do Partido Socialista Popular do Trabalho, pequeno-burguês, criado em 1906 com base na ala direita do Partido Socialista-Revolucionário. Os «socialistas-populares» eram partidários duma aliança com os democratas-constitucionalistas.

À frente do partido encontravam-se A. V. Pechekhónov, N. F. Annénski, V. A. Miakotine e outros. Durante a Primeira Guerra Mundial os «socialistas-populares» adoptaram posições sociais-chauvinistas. Depois da revolução democrática burguesa de Fevereiro de 1917, o partido dos «socialistas-populares» fundiu-se com os trudeviques, apoiou a actividade do Governo Provisório burguês, no qual estava representado. Depois da Revolução Socialista de Outubro os «socialistas-populares» participaram em conspirações e levantamentos armados contra-revolucionários contra o Poder Soviético. (retornar ao texto)

[N15] Socialistas-revolucionários: membros dum partido pequeno-burguês russo criado em fins de 1901, princípio de 1902. Durante a guerra imperialista mundial, a maior parte dos socialistas-revolucionários adoptaram posições sociais-chauvinistas. Após a revolução democrática burguesa de Fevereiro de 1917, os socialistas-revolucionários, juntamente com os mencheviques, foram o apoio principal do Governo Provisório contra-revolucionário, e dirigentes deste partido (Kérenski, Avxéntiev, Tchernov) fizeram parte do Governo. O partido dos socialistas-revolucionários renunciou a apoiar a reivindicação camponesa da liquidação dos latifundiários. Os ministros do Governo Provisório membros do partido dos socialistas-revolucionários enviaram destacamentos punitivos contra os camponeses que tinham tomado as terras dos latifundiários. Depois da Revolução Socialista de Outubro, os socialistas-revolucionários, em aliança com a burguesia, com os latifundiários e com os intervencionistas estrangeiros, lutavam activamente contra o Poder Soviético. (retornar ao texto)

[N16] CO: Comité de Organização. Foi criado em 1912 na conferência de Agosto dos liquidacionistas. Durante a guerra imperialista mundial o CO adoptou uma posição social-chauvinista. O CO funcionou até à eleição do CC do partido menchevique no congresso "de unificação" do POSDR (menchevique) em Agosto de 1917. (retornar ao texto)

[N17] Comuna de Paris de 1871: a primeira experiência de ditadura do proletariado na história da humanidade; governo revolucionário da classe operária instituído pela revolução proletária em Paris. Existiu durante 72 dias, de 18 de Março a 28 de Maio de 1971. (retornar ao texto)

[N18] Edinstvo (Unidade): jornal diário, órgão do grupo de extrema-direita dos mencheviques defensistas chefiado por G. V. Plekhánov. Publicou-se em Petrogrado de Março a Novembro de 1917; de Dezembro de 1917 a Janeiro de 1918 publicou-se com o nome de Nache Edinstvo (Nossa Unidade).

Manifestando-se pelo apoio ao Governo Provisório, à coligação com a burguesia, por um «poder firme», o jornal exigia a continuação da guerra imperialista «até à vitória completa»; juntamente com a imprensa burguesa e centrista participou na campanha contra os bolcheviques. Teve uma atitude hostil em relação à Revolução de Outubro e à instauração do Poder Soviético. (retornar ao texto)

[N19] Rússkaia Vólia (Liberdade Russa): diário burguês fundado pelo ministro tsarista do Interior A. D. Protopópov e financiado pelos grandes bancos. Publicou-se em Petrogrado de Dezembro de 1916 a Outubro de 1917. (retornar ao texto)

[N20] Ver K. Marx e F. Engels, Prefácio à edição alemã do «Manifesto do Partido Comunista» de 1872; K. Marx, A Guerra Civil em França. Mensagem do Conselho Geral da Associação Internacional dos Trabalhadores, Critica do Programa de Gotha; F. Engels, Carta a A. Bebel de 18-28 de Março de 1875; K. Marx, Cartas a L. Kugelmann de 12 e de 17 de Abril de 1871. (In Karl Marx/Friedrich Engels, Werke, Bd. 4, S. 573-574; Bd. 17, S. 335-350; (retornar ao texto)

Escrito: Escrito em 4 e 5 (17 e 18) de Abril de 1917.

Primeira Edição: Publicado em 7 de Abril de 1917 no jornal Pravda, n.º 26. Assinado: N. Lénine.

Fonte: Obras Escolhidas em Três Tomos, 1977, Edições Avante! - Lisboa, Edições Progresso - Moscovo.

A Declaração de Independência do Estado da Palestina com Jerusalém como Capital, foi escrita pelo poeta palestino Mahmoud Darwish e proclamada em Argel, Argélia, por Yasser Arafat, líder da OLP, em 15 de novembro de 1988.

Intifada é uma palavra árabe que significa literalmente “revolta” e designa o movimento de insurgência popular contra a ocupação israelense e teve origem nos levantes de 1987.

PAPPÉ, Ilan. A solução de dois Estados morreu faz uma década. Viva Palestina, 2013. Disponível em: <http://vivapalestina.com.br/661/>.

DONBASS (LESTE EUROPEU): CONFLITO REGIONAL, SEPARATISMO OU CONFRONTO ENTRE DOIS PROJETOS HISTÓRICOS ANTAGÔNICOS?

*Afonso Magalhaes**

Desde 2014 que a região localizada entre Ucrânia e Rússia vem literalmente pegando fogo. No início daquele ano, um golpe estado de novo tipo (conhecido como “Euromaidan”), convulsionou a região, precipitando a retomada do território da Criméia pela Rússia e desencadeando um processo de formação de repúblicas populares na parte operária da Ucrânia, a leste do país.

A região conhecida como Donbass, abarcando os territórios de Donetsk e Lugansk, rebelou-se contra o intento golpista de levar o país para a União Europeia. Assim como na Criméia, Donetsk e Lugansk realizaram plebiscitos para decidir pela formação, respectivamente, das Repúblicas Populares de Donetsk e Lugansk. Ali perto, em Odessa (região onde nasceu Leon Trotsky), a população também se rebelou e organizou um plebiscito, que por fim não foi realizado por conta da intervenção do Exército da Ucrânia, que proibiu a realização da consulta. Mas em Donetsk e Lugansk a consulta foi realizada e a esmagadora

maioria do povo decidiu pela criação desses novos países.

Esse confronto, com recortes claros de luta internacional entre classes sociais, andou no modo “baixa intensidade” nos últimos anos, por conta dos Acordos de Minsk (firmado pelas partes em fevereiro de 2015). Mas voltou às manchetes da imprensa mundial, por conta da crise dentro da Ucrânia e das frequentes provocações do seu Exército, que violam a área de segurança de Donetsk e Lugansk, estabelecida pelo referido Acordo.

E mais: desta feita, tropas da OTAN, com forte presença de forças ianques, fizeram manobras navais no Leste Europeu, levando o Exército Russo a também se movimentar na fronteira com as Repúblicas Populares. Após aderir à União Europeia, a Ucrânia expressou o desejo de entrar na OTAN, adesão que, ainda que não tenha avançado, tencionou ainda mais a relação com a Federação Russa.



Um pouco do histórico...

A Ucrânia era uma das quinze Repúblicas que compunha a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. A formação geográfica da Ucrânia, até os acontecimentos de 2014, foi produto de acordos e movimentações do Exército Vermelho Soviético as vésperas da II Guerra Mundial. Antes disso, a parte ocidental da Ucrânia, já fez parte do Império Austro-húngaro, da Polônia e do próprio Império Czarista Russo. Por decisão política da União Soviética, a área de Donbass foi incorporada à República Soviética da Ucrânia, como forma de aumentar o “peso operário” na então República soviética ucraniana.



Certamente, diante de toda essa trajetória histórico-geográfica não é incomum ouvirmos agora essa pergunta: a Ucrânia dos dias atuais é mesmo uma nação ou um invento sustentado politicamente por interesses do imperialismo da Alemanha, França, Inglaterra e EUA??

De fato, esses territórios que se rebelaram contra a adesão à União Europeia eram a “área produtiva” da Ucrânia. Trata-se de uma região riquíssima, tanto para a agricultura como para a extração de minério.

O conhecido time de futebol Shakhtar-Donetsk, por sinal uma equipe coalhada de jogadores brasileiros, chama-se “Shakhtar” que, traduzido para o português, significa “mineiros”, trabalhadores de extração mineral. Mas após a crise de 2014 o clube abandonou Donetsk e fez de Kiev (capital da Ucrânia) a sua “nova sede”, ainda que nutra esperanças de voltar para Donetsk, numa hipotética volta de Donetsk ao domínio ucraniano.

A propósito, o governo do atual Presidente da Ucrânia, Vladimir Zelensky, e seus mais fanáticos apoiadores pregam sem a menor discrição que o seu desejo real é

“só” a “parte material de Donbass”, ou seja, os seus ativos, terras, prédios, minas... e que “não se opõem” a uma retirada massiva da população de Donbass para dentro das fronteiras da Rússia. São propostas cínicas, desumanas, fascistas, desprovidas de qualquer racionalidade política e histórica.

As especificidades geopolíticas da região se acumularam nas últimas três décadas. Daí a dificuldade de muitos governos progressistas pelo mundo em entenderem como a Crimeia passou a fazer parte da Federação Russa. Entre 2014 e 2015, Putin conversou longamente pelo telefone com Dilma Rousseff, explicando-lhe os motivos da volta da Crimeia para a Federação Russa. A dificuldade de o governo brasileiro entender o que se passava na região tinha a ver com a tibieza político-ideológica do Itamaraty, então transitando entre os comandos dos diplomatas de carreira, Luiz Alberto Figueiredo e Mauro Vieira.

Essas particularidades geopolíticas do Leste Europeu, para serem bem entendidas de todos os pontos de

vista, precisam ser medidas pela régua da disputa de classe em nível mundial, ou seja, dos antagonismos entre dois sistemas, que é o que está subjacente na estrutura do mundo atual, onde é evidente o protagonista da Rússia de base soviética. Ademais, a tensão aumenta se considerarmos a existência de governos hostis à Rússia no coração do Leste Europeu, como as Repúblicas Bálticas, a República Checa, a Polônia, a Bulgária etc., que cumprem o papel de fantoches do imperialismo e de cabeça de ponte para atacar a Rússia, do ponto de vista político-diplomático.



A população de Donetsk e Lugansk não se rende e quer paz na região

A vida em Donbass é tensa, mas a população procura trabalhar normalmente, ainda que sofra covardes do Exército da Ucrânia, muitos com vítimas fatais, inclusive crianças. Essas Repúblicas Populares estão organizadas numa estrutura de poder baseado em Conselhos Populares, que funcionam de forma soviética, e dessa forma organizam suas próprias forças segurança e de defesa (inclusive emitindo passaportes próprios), e

toçam, com métodos de democracia direta e participativa, a administração pública que abarca todos os serviços e atividades produtivas básicas. Ao contrário da Ucrânia, cuja estupidez e negacionismo impedem o acesso às vacinas contra a Covid, nas Repúblicas Populares de Donetsk e Lugansk a população segue sendo imunizada pela Sputnik5, a vacina russa que é hoje a mais aplicada no Planeta.

Há uma discussão em círculos de formadores de opinião na Rússia, que o país vai acabar por reconhecer formalmente as duas Repúblicas como estados soberanos... Que isso seria uma questão de tempo. No tabuleiro de xadrez político-diplomático-militar a movimentação das peças muitas vezes não deixa claro o que está acontecendo no jogo. Semana passada o Exército Vermelho Russo-Soviético recuou de sua presença na divisa com Donbass. Pode ser um recuo tático, em função da própria debilidade do governo ucraniano de V. Zelenski que vai muitíssimo mal das pernas e caminha por si só para o precipício, o que abriria um novo cenário político na região.

Enquanto isso, a solidariedade a Donbass fica por conta da sociedade civil da Rússia, partidos, sindicatos e grupos de apoio e solidariedade, que desde sempre transitam por um “corredor solidário” de acesso à região, enquanto todos aguardam o desfecho desse processo que, esperamos, não seja o espocar de uma III Guerra Mundial.

25 de abril de 2021

**Economista e Secretário de Relações Internacionais da*

Central de Movimentos Populares - DF



Vencer a batalha das ideias, rumo ao Congresso Bicentenário dos Povos

*Pedro César Batista**

Comunicadores de várias partes do planeta estão se articulando, com dirigentes do Partido Socialista Unido da Venezuela – PSUV, para construir a comunicação para a organização do Congresso Bicentenário dos Povos, que ocorrerá em Caracas - Venezuela, entre 21 a 24 de junho, quando se comemorará 200 anos da Batalha de Carabobo, quando se efetivou a derrota espanhola na luta pela libertação da América espanhola, na luta liderada pelo Libertador, Simon Bolívar, liderando um exército rebelde de libertação que conquistou a independência da Venezuela.

Em reunião virtual, coordenado pela jornalista Bervely Serrano, com a participação de Tania Díaz, deputada e jornalista líder da Revolução Bolivariana, aprofundou os caminhos para fortalecer o enfrentamento a criminosa guerra imperialista que propaga mentiras, sob a liderança dos EUA e com a ação de seus agentes na América latino – cari-

benha. Debateu-se a importância e caminhos para a realização de campanhas que mostrem as verdades e as conquistas do povo venezuelano, assim como a necessária defesa da soberania e autodeterminação da terra de Bolívar e do comandante Hugo Chávez.

Representando o Brasil, vários jornalistas de veículos progressistas, da solidariedade internacionalista e de comitês que integram a Rede de Solidariedade ao Povo Venezuelano estão integrados a construção do Congresso Bicentenário dos Povos e no enfrentamento na Batalha de Ideias. Busca-se reforçar a organização de redes de comunicadores a partir da base, que possibilitem desenvolver uma comunicação unitária, com força para enfrentar e derrotar as fakes news e os veículos a serviço do capital imperialista.

Está clara a importância de se criar muitas redes de comunicadores populares, como iniciada pelo Libertador, com o



Correio de Orinoco, impresso e distribuído em plena batalha; o Correio do Orinoco, que teve importante papel na Batalha de Carabobo, teve a colaboração fundamental do pernambucano-brasileiro, José Inácio de Abreu e Lima, o eterno General das massas, General de Bolívar. Após a eleição do comandante Hugo Chávez, em 1998, se fortaleceu na Venezuela a formação de veículos de comunicação e comunicadores populares, que seguem firmes na defesa da Revolução Bolivariana e na construção da Pátria Grande, o que tem mostrado a força da comunicação a partir do povo.

Muitas reuniões estão ocorrendo, pois, a organização do Congresso Bicentenário dos Povos está mobilizando trabalhadores e trabalhadoras do campo e da cidade intelectuais, juventude, mulheres, comunicadores e outros segmentos populares. Para construir uma rede de co-

municação que crie uma estrutura com todas as organizações da solidariedade internacionalista, com capilaridade em todos os continentes para multiplicar e fortalecer a dura batalha das ideias na luta anti-imperialista e em defesa da soberania e autodeterminação dos povos.

O Congresso Bicentenário dos Povos representará a síntese histórica das lutas dos povos, que nestes duzentos anos, desde a vitória da Batalha de Carabobo, nunca foi abandonada, por isso, propagar a verdade sobre as conquistas das classes trabalhadoras, que avançam em suas lutas, como comprova a coragem e ousadia dos povos da Venezuela, Cuba, Bolívia, Irã, Nicarágua e outros que se levantam corajosamente para defender o ideal propagado por Simon Bolívar, que é uma tarefa permanente dos povos latinos, forjar a Pátria Grande.



Labareda

José Lima da Silva Filho*

O bem escolhido nome do jornal, me trouxe à lembrança um cangaceiro que poderia até ter sido chamado "Cangaceiro Humanitário", não fossem a maldade de todos eles em suas ações tão conhecidas pela crueldade.

Anjo Roque, ou, como ele gostava soletrado: An-ge-lo, fora apelidado "Labareda" por causa da rapidez de sua carga de tiros que soltava labaredas seguidas. Sua valentia e fortaleza moral chamara a atenção do Capitão Virgulino. Certa feita, na sua primeira invasão a uma fazenda, seu destemor e "humanismo cangaceiro" o fez conselheiro de Lampião. Pois, dois cabras do bando iam estuprar a empregada da Casa Grande e, de arma em punho, Labareda os impediu. Naquela hora o Capitão Virgulino decretou nova regra: "Daqui prá frente só pode estuprar inimigo. Gente como a gente tá proibido!".

Depois de um tempo, Labareda foi liberado para comandar o próprio bando e cumprir sua vingança, pois para este fim de justiça se juntara a Lampião.

COMITÊ ANTI-IMPERIALISTA GENERAL ABREU E LIMA

Em honra ao seu patrono, o comitê mantém o ideário e atitudes pela internacionalização da Democracia.

Nesta hora de angústia e ira, impedidos de grandes mobilizações, o Comitê Abreu e Lima se coloca na linha de frente em defesa da Venezuela, nossa querida irmã Latina. Não fosse a coragem dos participantes do Comitê Abreu e Lima na embaixada venezuelana em Brasília, vândalos armados teriam a atacado. A altivez dos compas, com paus e pedras, botaram a correr os bolsonaristas atrevidos, todavia covardes.

O Governo genocida, o Congresso agindo como vendilhão, e a Justiça torta, apóiam o Imperialismo e investem fortemente contra a República Democrática Bolivariana da Venezuela, se esforçam no isolamento do nosso vizinho.

O grande General Abreu e Lima ainda era um rapazinho, com seu irmão mais velho, estavam com o pai quando este foi preso ao desembarcarem em Salvador, onde buscavam apoio à Revolução Pernambucana de 1817. Sumariamente julgado, executaram-no na frente dos filhos. Os rapazes retornam a Pernambuco e participam como ativistas na política. Já militarizado, Abreu e Lima estuda muito as novas idéias libertárias de Europa, e do independente EUA. Parte para Colômbia e se junta a Bolívar, ganhando-lhe a confiança, é nomeado General e segue lutando pela Grande Pátria, a América de língua espanhola.

Com a traição de Santander e outros, Bolívar se enfraquece militar e financeiramente, o que, pelo desgosto, adianta sua morte. O ideário da Grande Pátria se esfacela, e as divisões ocorrem na desordem, formando os diversos países da América Latina.

O General Abreu e Lima retorna com larga experiência, mas se coloca contra o divisionismo que se pretendia com a Independência de estados-membros do Brasil.

Pragmaticamente, ele defende a monarquia como forma de manter o Brasil coeso em todo imenso território. Pela sua vivência, após assistir a divisão da América de língua espanhola em diversos países, alguns minúsculos, torna-se defensor da monarquia até que o povo brasileiro fosse consciente da grandeza dessa pátria. Pragmático, bom estrategista, nunca deixou de ser Revolucionário. Escrevia em jornais, revistas, livros, e defendia o ideal socialista em discursos famosos. Escreveu o livro "Socialismo", o primeiro livro brasileiro sobre o tema.

Viva o Comitê e seu Patrono!

*JOSÉ LIMA DA SILVA FILHO – ADVOGADO E AUTOR DO ROMANCE TOCAIERO SANGUINÁRIO (EDITORA SUPREMA, 2012). MATO GROSSO.